

Ramon Llull (1232-1316)

O Livro dos Mil Provérbios (1302)

Tradução:

Ricardo da Costa e *Grupo de Pesquisas Medievais II*

(Ailton Marcos dos Reis - Ana Paula Libardi - Andréia Rezende Peres - Aparecida Alves de Barros - Izabel Cristina Costa Aleixo - Robson Ernesto Broedel - Rodrigo Leite Caldeira - Rosana Pimenta Leonel - Simone Resende da Penha – Sunamita Astir Daúde de Souza)

Coordenação e Supervisão:
Prof. Dr. Ricardo da Costa (UFES)

Apoio:
Generalitat de Catalunya

Tempo 1: os frutos, o *passado recente*

Quem casa, quer casa.

Cada macaco no seu galho.

Quando a esmola é muita, o santo desconfia.

Quem cala, consente. (*Provérbios brasileiros*)

A cultura popular brasileira está cheia de provérbios. Eles fazem da longa tradição da educação popular, educação que precedia a da escola, educação familiar. Antes do advento da televisão, dos *shoppings* e dos computadores, as famílias se reuniam e oralmente transmitiam às novas gerações seus costumes e tradições. Para se ter uma idéia da força do provérbio em nossa cultura, há pouco tempo, uma pesquisadora reuniu em sua pesquisa quase 3.000 provérbios populares.⁴

Essa herança nós recebemos da cultura ibérica, naturalmente.⁵

Os provérbios nos mostram o que é perene no homem. Uma de suas principais funções é, ludicamente, recordar o profundo sentido moral da educação de um determinado povo, ou, em outras palavras, fixar na memória coletiva a experiência social humana, daí também eles serem chamados de *sapienciais*.⁶ Como muito bem afirmou o Prof. Jean Lauand, um dos maiores especialistas na tradição proverbial, “por mais diversas que sejam as épocas, as latitudes ou as tribos, sempre encontraremos, essencialmente, pesadas críticas e ironias contra o egoísmo, a avareza, a inveja, a pequenez etc. e – invariavelmente também – o louvor da generosidade, da sinceridade, da grandeza, da lealdade etc. São fatos constantes em **todas** as culturas.”⁷

Por esse motivo, os provérbios e sua tradição sempre remeteram à *educação moral*, e nesse aspecto em particular, os provérbios brasileiros têm suas raízes mais profundas na tradição proverbial da Idade Média, que por sua vez, está ancorada na tradição sapiencial bíblica, como veremos.

Tempo 2: os galhos, o *passado distante*

Em 1559, Pieter Bruegel, o *Velho*, criou mais um de seus fantásticos quadros, *Os Provérbios Flamengos*, pintura também conhecida como *O Mundo às Avessas*. A cena é, literalmente, um *mundo de provérbios* (há 118 provérbios reconhecidos no quadro): trata-se de uma aldeia litorânea onde todos parecem ter enlouquecido, pois agem tão desordenadamente que provocam uma *desordem social*, o caos, a demência coletiva com o pior tipo de loucura, a *loucura pecaminosa*.

Bruegel parece ter dividido o cenário em dois grupos, misturados, cada um com um tipo de comportamento. Para exemplificá-los, vejamos somente alguns personagens. O primeiro grupo é

¹ Professor do Departamento de Letras Anglo-Germânicas / Setor de Língua e Literaturas de Língua Alemã da *Universidade Federal do Rio de Janeiro* (UFRJ).

² Pesquisador do *Arxivim Lullianvm* de la *Universitat Autònoma de Barcelona* e do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (São Paulo)

³ Professor do Departamento de História da *Universidade Federal do Espírito Santo* (UFES).

⁴ VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmento. “Coletânea de provérbios e outras expressões populares brasileiras”. *Internet*: <http://www.deproverbio.com/DPbooks/VELLASCO/BRASILEIRO.html>

⁵ Ver ESTANQUEIRO, António. *A sabedoria dos provérbios*. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

⁶ Ver também o texto de LACAZ-RUIZ, Rogério. “O Referencial Comum dos Provérbios e a Personalidade Humana”. *Internet*: <http://www.usp.br/fzea/zab/oreferen.htm>

⁷ LAUAND, Jean. “500 provérbios portugueses antigos. Educação moral, mentalidade e linguagem”. *In: Revista Videtur – Letras 4*. *Internet*: <http://www.hottopos.com/vdletras4/jeans2.htm>. Ver também do mesmo autor, “250 Provérbios Árabes” (COLLATTO – *Estudios académicos / Estudos académicos*. ANO III No. 5 – 2000, *Internet*: <http://www.hottopos.com.br/collat5/250prov.htm>) e *Provérbios e Educação Moral – A filosofia da educação de Tomás de Aquino e a Pedagogia do mathal*. São Paulo: Mandruvá. 1997 (*Internet*: <http://www.deproverbio.com/DPbooks/LAUAND>).

composto por pessoas que se comportam irracionalmente, embora suas condutas aparentemente não tenham um fundo imoral. Nesse grupo, o pintor ressaltou os muitos absurdos das ações humanas que resultaram na *inversão do mundo*. Esse comportamento invertido está simbolizado por um **globo azul**, presente em três cenas. Na primeira, o globo está pendurado na parede da casa de cabeça para baixo, com o crucifixo invertido (à esquerda): literalmente, o *mundo está às avessas*; na segunda, o globo está nas mãos de um homem ricamente vestido com uma capa vermelha e branca. Parece ser um jogral, o trovador medieval, aquele que vive do amor e do riso alheio. Esse alegre brincalhão faz o globo girar com a ação de seu polegar (à direita, abaixo): ele representa o provérbio “Ele põe o mundo a dançar no seu polegar”, todos lhe obedecem. Na terceira cena, abaixo, aos pés do jogral, há uma figura ridícula, um camponês maltrapilho que entra de cócoras no globo caído no chão, inclinando-o para a direita. A cena significa o provérbio “é preciso curvarmo-nos para avançar no mundo”, isto é, é preciso ser esperto e servil para ser alguém e vencer na vida.⁸

Pieter Bruegel, *Os Provérbios Flamengos* (1559)



O segundo tipo de comportamento do quadro tem como pano de fundo a **moral**: sua função na cena é alertar os homens para os perigos da loucura e do pecado. Nesse grupo, destacam-se a mulher ao centro, de vestido vermelho, pecadora e luxuriosa como a cor de seu vestido, cobrindo o marido com uma capa azul, cor da inocência e da pureza, o que sugere que ela está ocultando dele seu pecado – a cena materializa o provérbio “Ela veste o marido com uma capa azul” (engana-o). No entanto, a dama de vermelho está sendo observada (e falada) por duas velhas intrigueiras, à sua esquerda, que simbolizam o provérbio “Uma enfia o fuso e a outra fia”, isto é, elas espalham a fofoca.

Acima da luxuriosa, um homem de joelhos acende duas velas ao diabo (“É bom ter amigos em toda a parte”), tendo à sua direita outro, que se confessa ao diabo, com uma cabeça de animal e disfarçado de monge (“Ele se confessa ao diabo”, confia seus segredos aos inimigos). Ainda há

⁸ ROSE-MARIE e HAGEN, Rainier. *Pieter Bruegel, o Velho (cerca de 1525-1569). Camponeses, loucos e demônios*. Germany: Benedikt Taschen, 1995, p. 36.

outro monge ridicularizando Cristo sentado em um trono vermelho, pois coloca n'Ele uma barba postiça ("Pôr uma barba de estopa em Nosso Senhor", isto é, tenta enganar alguém com manhas). Sinal dos tempos profanos? Provavelmente, pois outro monge, observado por um camponês, abandona seu hábito e o pendura no cercado ("Pendurar a capa na cancela"), rompendo com o habitual sem saber se se adaptará ao novo ambiente.

A *aldeia de provérbios* de Bruegel é o caos resultante dos atos individuais de loucura humana. São atitudes estúpidas, insensatas, imorais.⁹ Nessa *encenação proverbial*, as frases sapienciais representadas na cena são uma advertência: nunca devemos esquecer da sabedoria popular, acumulada há séculos. Caso contrário, que aguardemos a loucura do mundo.

Tempo 3: as raízes, o *passado longínquo*

Em sua pintura cética e mordaz, Bruegel retratou o desejo de seu tempo. Já no século XV havia sido iniciado um movimento intelectual de recolha e inventário de provérbios. O primeiro desses intelectuais interessados nos provérbios foi Erasmo de Rotterdam. Em 1500 ele publicou uma lista de provérbios célebres de autores latinos. Depois dele, muitos foram os que naquele tempo publicaram suas antologias sobre a tradição sapiencial.¹⁰

Mas aqueles homens modernos não faziam nada mais que manter acesa a chama da tradição medieval. Pois para o pensamento da Idade Média, os provérbios representavam uma função viva. Concisos, mordazes, irônicos, eles defendiam a resignação. Ora pagãos, ora evangélicos, eles cristalizaram tanto o pensamento dos mais simples quanto o espírito da literatura da época.¹¹

Sua base, como a de todo o pensamento medieval, foi a Bíblia.

Ramon Llull (1232-1316)

Os leitores brasileiros já conhecem a biografia de Ramon Llull (1232-1316) graças às pesquisas que o *Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio* (IBFCRL)¹² realiza e aos livros que publica na *Coleção Raimundo Lúlio*. Contudo, é importante conhecer a relação entre o sistema filosófico criado por Llull – a *Arte luliana* – e o *Livro dos Mil Provérbios* (1302), para compreender o sentido da redação deste tipo de doutrina escrita em forma proverbial. Essa relação é muito importante, pois neste opúsculo se resume, praticamente, toda a doutrina de Ramon. Deste modo, devemos recordar rapidamente, só para reavivar a memória do leitor, alguns pontos da vida do mestre Ramon.

Em primeiro lugar, a formação intelectual de Llull se produziu na corte do rei Jaime I, *o Conquistador*. Sua *Vida coetânea* (1311) afirma que ele foi mordomo do infante Jaime.¹³ Assim, em seus anos iniciais, Ramon Llull viveu o ambiente palaciano, atmosfera que o fez se tornar um irresistível trovador e conquistador de mulheres tal como narram as lendas sobre sua vida e como o próprio beato afirma em sua *Vida coetânea*. Não obstante, cinco aparições do Jesus Cristo crucificado levou-o a abandonar essa vida frívola e cheia de luxos para dedicar-se à contemplação, e após ouvir um sermão dedicado à vida de Francisco de Assis, Llull vendeu todos os seus pertences e empreendeu uma peregrinação a Rocamadour¹⁴ e Santiago de Compostela.¹⁵ No regresso dessa viagem,

⁹ ROSE-MARIE e HAGEN, Rainier, *op. cit.*, 1995, p. 34.

¹⁰ ROSE-MARIE e HAGEN, Rainier, *op. cit.*, 1995, p. 34.

¹¹ HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lisboa: Editora Ulisseia, s/d, p. 239.

¹² Internet: <http://www.geocities.com/Athens/Forum/5284>.

¹³ A esse respeito, Álvaro Santamaría (*Ramon Llull y la Corona de Mallorca. Sobre la estructura y elaboración de la Vita Raymundi Lulli* [Monografies, 1], Mallorca, Societat Arqueològica Lulliana, 1989, pp. 93-108) submete a reflexão à afirmação *senescalus mense regis Maioricarum*, qualificando dita sentença de «histórica e institucionalmente impensável» (p. 97), já que tal cargo o ocupavam os nobres mais importantes – no caso de Catalunha, os Montcada e, no Reino de Mallorca em 1324, o visconde de Canet (p. 101). Os Llull eram proprietários importantes, mas não pertenciam à alta nobreza, nem eram cavaleiros da cidade. Cf. também, Ricard Soto, «Alguns casos de gestió "colonial" feudal a Mallorca», em *La formació i expansió del feudalisme català*, Actes del col·loqui organitzat pel Col·legi Universitari de Girona (8-11 de gener de 1985), *Estudi General* (5-6) 1985-6, p. 345-369; que possui muitos documentos relacionados às atividades dos Llull.

¹⁴ Na Ocitânia (França), ao norte da cidade de Tolosa de Languedoc. O santuário de Rocamadour era um dos lugares de destino mais reconhecidos para a penitência.

aconteceu um dos fatos mais importantes de sua vida: seu encontro com Ramon de Penyafort (1185-1275), em 1264. Esse importante personagem sugeriu a Ramon o estudo das línguas e culturas árabe e latina em sua ilha natal.¹⁶

Este conjunto de acontecimentos forjou o ideal luliano, que se baseava em três pontos: 1) a conversão dos infiéis e dos incrédulos à santa fé católica, e para tanto, colocar em perigo de morte sua própria vida; 2) escrever o “melhor livro do mundo” contra os erros dos infiéis e 3) a criação de mosteiros para a formação de homens doutos e sábios na cultura e língua árabe com uma clara finalidade: a pregação da santa fé católica aos infiéis.¹⁷ Em 1274, Llull se retirou solitariamente como um eremita para o monte Randa, em Maiorca. Ali teve a iluminação de sua *Arx*, quando então começou a produzir suas obras e a grande história da sua vida.¹⁸

Este breve resumo dos primeiros quarenta anos da vida de Ramon Llull é suficiente para o leitor compreender o que encontrará no *Livro dos Mil Provérbios* e, sobretudo, o sentido que Llull deseja transmitir nessa obra. Devemos ter em conta que o beato era um místico, um filósofo mas sobretudo um missionário. A principal intenção de sua vida foi a conversão dos infiéis ao cristianismo e o re-encaminhamento dos cristãos desviados do trajeto de Cristo: a esta finalidade ele submeteu sua *Arte* e a sua própria pessoa. Por outro lado, é importante sublinhar que, nesse período (século XIII), a reconquista dos territórios ocupados pelos muçulmanos já não era um sonho: a cristandade hispânica lutava por controlar estes territórios e suas gentes. A missão apologética era uma das ferramentas que a Igreja e o nascente estado tinham para conseguir este fim, e personagens como Ramon Llull foram importantes pilares neste novo tipo de reconquista, que não se fazia mediante as armas, e sim pelo intelecto e pelas “razões necessárias”.

Neste sentido, a produção artística de Ramon Llull foi criar obras para ensinar outros missionários a pregar aos infiéis. Desde o *Livro do gentio e dos três sábios*¹⁹ até sua última obra, todas tiveram como principal intenção a missão apologética. Assim, o *Livro dos Mil Provérbios* é a recopilação de sua doutrina em breves sentenças, convertendo-se num verdadeiro manual ou breviário da doutrina luliana, um verdadeiro catecismo enciclopédico para a missão apologética.²⁰ A paixão de Llull pela idéia de unidade está muito bem representada no provérbio, que serve ao autor, mediante fórmulas mais ou menos curtas, para enunciar suas próprias teses filosóficas, morais e místicas, com um afã de vulgarização científica e moral.

Provérbios: à guisa de introdução

A utilização de provérbios pelo ser humano está presente nos mais variados momentos de sua existência. Ou servindo para admoestar determinado comportamento, ou servindo como parâmetro moral para futuras ações, as parêntias condicionam um *modus vivendi* considerado ideal por gerações

¹⁵ Na Galícia, ao noroeste de Espanha.

¹⁶ Ramon de Penyafort foi o geral da ordem dos predicadores (1237-1240) e um dos maiores impulsores dos *studia linguarum*, colégios, onde se ensinavam a língua e a cultura dos povos árabe e judeu. Ver F. Valls Taberner, *San Ramon de Penyafort*, Barcelona, Ed. Labor, 1936 y M. Batllori, «L'entrevista amb Ramon de Penyafort a Barcelona», *Obres Completes. Ramon Llull i el lul·lisme*, Valencia, Tres i Quatre, vol. II, p. 45-49.

¹⁷ O leitor interessado nos dados biográficos de Lúlio pode consultar: E. Allison Peers, *Ramon Llull: A Biography*, Londres, 1929; F. Sureda Blanes, *El beato Ramon Llull (Raimundo Lúlio): su época, su vida, sus obras, sus empresas*, Madrid, 1934; L. Ribet, *Raimundo Lúlio (Ramon Llull)*, Barcelona, “Colección Pro Ecclesia et Patria”, vol. I, 1949; A. Llinarès, *Raymond Lulle, philosophe de l'action*, Grenoble, Université de Grenoble, 1963; M. Batllori, «Certeses i dubtes dins la biografia de Ramon Llull», *Ramon Llull i el lul·lisme*, Valencia, Tres i Quatre, 1993, pp. 83-86; Heigues Didier, *Raymond Lulle*, Paris, Deasclée de Brower, 2001.

¹⁸ Sobre o pensamento luliano: E. Longpré, “Lulle, Raymond (Le bienheureux)”, *DTC*, IX, 1, Paris, 1926, col. 1072-141; E. W. Platzeck, *Raimund Lull. Sein Leben. Seine Werke. Die Grundlagen seines Denkens*, 2 vol., Düsseldorf, Bibliotheca Franciscana (5-6), 1964; Ll. Sala Molins, *La filosofía de l'amour chez Raymond Lulle*, Paris-La Haya, Mouton, 1974; Miguel Cruz Hernández, *El pensamiento de Ramon Llull*, Valencia, Castalia-Fundación Juan March, 1977; Amador Vega, *Ramon Llull y el secreto de la vida*, Barcelona, Ediciones Siruela, 2002.

¹⁹ Cf. A. Bonner, “La situación del *Libre del gentil* dentro de la enseñanza luliana en Miramar”, em *Actas del II Congreso Internacional de Lulismo. Miramar, 19-24 de octubre 1976*, vol. I, Palma de Mallorca, 1979, p. 49-55 [este trabalho está traduzido no link ‘estudos’ do *web site* do Instituto por Esteve Jaulent: www.ramonllull.net].

²⁰ Cf. Jordi Gayà, *Raimondo Lullo. Una teologia per la missione*, Milan, Jaca Book, 2002.

anteriores. Analisaremos aqui, em linhas gerais, como essas “pílulas de sabedoria” chegaram até nós desde o século III a. C. e em que medida esse legado secular permeou o fazer paremiológico medieval. Como ponto de chegada temos *O Livro dos Mil Provérbios*, de Ramon Llull, no século XIV, em que se observa a sabedoria proverbial comprometida com a Sabedoria do Verbo Encarnado.

Uma breve história dos provérbios²¹

As primeiras fontes de que dispomos sobre os provérbios remontam ao terceiro milênio antes de Cristo, aos egípcios.

os ‘sebays’ (ensinamentos), equivalentes aos provérbios atuais são citados desde o terceiro milênio a. C. Entre os hebreus e os aramaicos o provérbio representava a palavra de um sábio. No século VI a. C. aparecem as *Palavras de Abiqar* e no século IV a. C. os *Provérbios de Salomão*. Entre os gregos, ‘gnômê’ (pensamento) e ‘paroemia’ (instrução) cobrem as noções de provérbio, sentença, máxima, adágio, preceito etc., aparecendo em obras de Platão, Aristóteles e Ésquilo...²²

Também na China e entre os sumérios dispomos de exemplos desta “sabedoria” universal. Dentre os autores latinos, Catão, Cícero, Sêneca, Publílio Siro constantemente incluíam sentenças suas ou não, com finalidade instrutiva.²³

No tocante à Antigüidade Clássica, vários foram os autores que utilizaram provérbios, adágios, frases feitas, máximas e sentenças em seus textos. Aristóteles, Demócrito, Sófocles, Catão, Cícero, Publílio Siro, dentre outros escritores, lançam mão de expressões fraseológicas, que refletem um posicionamento do homem dessas épocas perante o mundo em que estava inserido. Esse mundo era vivenciado de acordo com os valores culturais e éticos herdados de seus antepassados e incorporados à galeria de exemplos que deveriam ser seguidos ou refutados pela humanidade. Com os estudos dos clássicos gregos e latinos durante a Idade Média, a difusão das fórmulas clássicas alcançou praticamente todas as incipientes línguas nacionais.

O *Livro das Sentenças* de Pedro Lombardo e os *Disticha Catonis*, de autoria duvidosa, fariam parte da bibliografia indispensável das escolas eclesiásticas e das universidades, servindo praticamente como primeiros livros para os *alumni*.

Portanto, a vitória do cristianismo trouxe consigo os traços e características do pensamento religioso católico, que paulatinamente se constituíram em norteadores do *modus vivendi*, do *modus agendi* e do *modus cogitandi* da civilização ocidental durante toda a Idade Média. Com a difusão do saber antigo aliado à teologia cristã, com o desenvolvimento das *artes liberales*, com o aparecimento das primeiras universidades européias no final do século XI e princípios do século XII, com os contatos culturais com os árabes e conseqüente acesso a textos sobre medicina, astronomia, matemática, música, literatura e filosofia, dentre outras ciências, plasma-se uma cultura medieval *litterata*, que tem como seus grandes representantes homens da Igreja e universitários.²⁴

Pelo exposto, percebemos que homens com domínio do código da escrita encarregaram-se de ilustrar seus textos com frases ou expressões, que em determinado lugar e dentro de seu contexto específico, teriam o valor de uma verdade validada pela experiência. Entretanto, como afirma Maria H. Trench de Albuquerque,

Não se podem confundir as origens remotas e comuns ao acervo paremiológico da humanidade com os meios pelos quais essas estruturas chegaram aos nossos dias: a mais breve observação

²¹ Para uma análise mais pormenorizada sobre a questão dos provérbios na Idade Média cf. Álvaro Alfredo Bragança Júnior, *A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade*, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Setor de Reprografia da Faculdade de Letras, 1999. [no prelo]

²² Cf. Maria Helena Trench de Albuquerque, *Um exame pragmático do uso de enunciados proverbiais nas interações verbais correntes*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1989. Dissertação de Mestrado da Área de Filologia Românica, p. 35.

²³ Cf. OTTO, A, *Die Sprichwörter und sprichwörtlichen Redensarten der Römer*, 2. Aufl., Hildesheim, Georg Olms Verlag, 1971.

²⁴ Não é escopo deste artigo uma detalhada discussão sobre trovadores e menestrelis, pois o tipo de texto por eles composto não se insere neste texto luliano.

sobre a verdadeira fonte comum proverbial permite afirmar que a tão decantada origem popular dos provérbios é um mito surgido em função de alguns dos modos pelos quais os E.P. (*Enunciados Proverbiais – parênteses nossos-*) foram veiculados e utilizados em certas épocas. Na Idade Média essas fórmulas gozavam de grande prestígio, constituindo-se na base de exercícios gramaticais nas escolas elementares e capitulares..... A partir dessa época, um grande número desses enunciados foi transmitido por autores ... ligados ao clero ... e chegaram até os nossos dias e até o nosso meio contemporâneo.²⁵

Do ponto de vista social, a origem e o papel das expressões fraseológicas através de gerações prendem-se à transmissão de um legado cultural de conselhos práticos de vida baseados na experiência e na sabedoria dos antigos. Através de observações feitas a partir da realidade circunjacente ao mundo de sua época, o homem procurava, por meio de expressões fraseológicas, ter em mãos subsídios práticos para sua própria orientação e das próximas gerações no que diz respeito às condutas a serem seguidas ou refutadas. Uma extensa terminologia ligada a essas expressões reflete, ou pelo menos tenta refletir, nuances distintas de forma e conteúdo, que, de certa maneira, tentam delimitar suas raízes populares ou eruditas, onde o provérbio se destaca pela sua expressividade e peculiaridades externas e internas como se verá a seguir.

Uma sucinta conceituação das expressões fraseológicas

A questão da classificação das expressões fraseológicas em populares ou eruditas coloca-nos diante de algumas questões: quais os limites da ciência fraseológica e até que ponto, em sua origem, os chamados ditos populares emanaram da tradição popular de uma coletividade?²⁶

Essas “frases ou locuções de uma língua” recebem uma classificação tipológica que normalmente não consegue delimitar suas características formais e contedísticas básicas, pelo contrário, muitas vezes associando-as praticamente como sinônimas. Os maiores dicionaristas da língua portuguesa não conseguem estabelecer limites rígidos no tocante à definição dos chamados ditos populares, como podemos depreender a partir da recolha desses termos feita por SIMON.²⁷ Vejamos apenas os verbetes arrolados por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira em seu Novo dicionário da língua portuguesa:²⁸

I. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira - Novo dicionário da língua portuguesa

- adágio¹. [Do lat. *adagiu*] S. m. V. provérbio ...;
- aforismo [Do grego *aphorismós*, pelo lat. *aphorismu*] s. m. sentença moral breve e conceituosa; máxima...;
- anexim (x=ch). [Do ar. *an-naxid*] s.m. 1. v. provérbio... 2. Dito sentencioso...;
- apoteagma. [Do grego *apophthegma*] s.m. 1. Dito curto e sentencioso, aforismo, máxima...;
- axioma (cs ou ss). [Do gr. *axioma*, pelo latim *axioma*] s. m. 1. Filos. Premissa imediatamente evidente que se admite como universalmente verdadeira sem exigência de demonstração. 2. P.ext. Máxima, sentença ...;
- brocardo. [Do lat. medieval *brocardu*] s.m. 1. Axioma jurídico. 2. Axioma, aforismo, máxima, sentença, provérbio...;
- chufa¹. [Voc. onom., calcado no lat. vulg. *sufilare, sibilare*, ‘assobiar’.] s.f. Dito trocista; caçoda, troça, remoque, mofa...;
- ditado [Do lat. *dictatu*] s.m. 3. v. provérbio (1)...;
- dictério. [Do gr. *deiktérion*, pelo lat. *dicteria*] s.m. Troça, zombaria, motejo, escárnio, chufa, dichote...;
- ditame. [Do lat. *dictamen*] s.m. ... 2. O que a consciência e a razão dizem que deve ser... 3. Regra, aviso, ordem, doutrina...;

²⁵ Cf. Maria Helena Trench de Albuquerque, *op.cit.*, p. 36

²⁶ Sobre a extensa e ainda incerta delimitação das expressões fraseológicas cf. o capítulo 2 de Bragança Júnior, *op.cit.*, p. 18-30.

²⁷ Cf. Maria Lúcia Mexias Simon, *Para uma estrutura proverbial nas línguas românicas*, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1989. Dissertação de Mestrado em Filologia Românica, p. 18-25.

²⁸ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo dicionário da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

- ditério. s.m. 1. Var. de dictério. 2. Bras. S. Pop. V. dito (5);
- dito. [Do lat. *dictu*] adj. 1. Que se disse; mencionado, referido. S. m. 2. Palavra, expressão. 3. Sentença, frase. 4. Provérbio, ditado. 5. Mexerico, enredo, ditinho...;
- dizer¹. [Do lat. *dicere*] s.m. ... Expressão, dito ...;
- gnoma. [Do gr. *gnóme*, pelo lat. *gnome*. s.f. sentença moral | V. máxima (2) |];
- máxima (ss). [fem. substantivado de máximo] s. f. 1. Princípio básico e indiscutível de ciência ou arte; axioma. 2. Sentença ou doutrina moral... 3. Conceito, aforismo, pensamento, apotegma... 4. Anexim...;
- motejo (ê). Do it. *moteggio*. s.m. 1. V. zombaria... 2. Dito picante; gracejo.;
- parêmia. [Do gr. *paroimía*, pelo lat. *paroimia*] s.f. 1. Breve alegoria. 2. Provérbio, prolóquio.;
- prolóquio. {Do lat. *Proloquiu*. s.m. Máxima, ditado, adágio, provérbio, anexim. ... pp. 1400-1401;
- provérbio. [Do lat. *proverbiu*] s.m. 1. Máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens; adágio, ditado, anexim, refrão, rifão... 2. Pequena comédia que tem por tema o desenvolvimento de um provérbio...;
- refrão. [Do provenç. ant. *refrahn*, ‘canto dos pássaros’.] s.m. 2. Adágio, provérbio, anexim, rifão, refrém...;
- rifão. [F. dissimilada de refrão] s.m. V. provérbio (1)...;
- sentença. [Do lat. *sententia*] s.f. 1. Expressão que encerra um sentido geral ou princípio ou verdade moral máxima. 2. Rifão, provérbio, anexim... .

José Pereira da Silva²⁹ ocupou-se do tema em nível textual e sintagmático, classificando o *provérbio* como preso a “diferentes formas de expressão tradicional”, que se caracterizam, segundo Amadeu Amaral³⁰, por encerrar “um fundo condensado de experiências refletidas”, onde estão presentes traços distintivos como a concisão, a elegância e expressões arcaizantes. Diferenciar-se-ia do *ditado* por ser uma “construção metafórica ou conotativa, (que) diz respeito a verdades gerais e faz um julgamento de valor”, enquanto este último seria “uma construção direta ou denotativa, (que) diz respeito a setores precisos da atividade e a grupos específicos e fica na simples observação e constatação dos fatos, sem julgá-los.” O *refrão* apresentaria um caráter popular e familiar. Já a *máxima*, segundo José Pereira, obedece “à gramática, não permitindo a omissão do artigo necessário nem transgredindo o modelo gramatical.” O *adágio* seria utilizado como termo equivalente a provérbio, ditado e refrão. O *aforismo* seria “uma sentença breve e doutrinal, que em poucas palavras explica e compreende a essência das coisas.” O *apotegma* poderia ser definido como “uma fórmula coletiva e tradicional, pertencente a um personagem ilustre, que se constitui de pequenas histórias extremamente condensadas, que se aplicam às mais variadas situações da vida.”

Se, no que tange às análises eminentemente de cunho lingüístico, não se chega a uma delimitação precisa das diversas manifestações tipológicas da fraseologia, podemos traçar, por outro lado, um esboço da sua história, onde depreendemos com base em seu acervo, um fundo didático-filosófico-moralizante que lhe serve de fio condutor.

O provérbio – definição

“Vamos nos contentar em reconhecer que o provérbio é um dito corrente entre o povo.”

Assim sumariza o paremiologista americano Archer Taylor no início de seu livro, considerado pelos estudiosos como o marco de surgimento da paremiologia moderna, *The proverb*.³¹

Maria Lúcia Mexias Simon³² (1989:26-27) assim precisa o termo *provérbio*:

²⁹ Cf. José Pereira da Silva, “A classificação das *Frases feitas* de João Ribeiro”. In: *III Encontro Interdisciplinar de Letras*, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1992, p. 194-197.

³⁰ Cf. Amadeu Amaral, *Tradições populares*, São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1948, p. 219.

³¹ Cf. Archer Taylor, *The proverb and an Index to ‘The Proverb’*, Bern, Frankfurt am Main, New York, Lang, 1985, p. 3.

³² Cf. Maria Lúcia Mexias Simon, *op. cit.*, p. 26-27.

Tem-se como estabelecido que as lexias textuais de caráter judicioso, extraídas da Bíblia, serão chamadas provérbios e não receberão nenhuma das outras denominações. Outro ponto comum é quanto ao aspecto da gravidade do provérbio; é um aconselhamento ou um juízo que pode ser repetido pelos eruditos, pela classe elevada, enquanto que, ao menos numa visão sincrônica, os ditérios, os anexins, as chufas ficam com as crianças ou a classe menos elevada.

A transmissão cultural e seu próprio desenvolvimento podem ser bem analisados, se levadas em consideração as informações de cunho social contidas nas expressões proverbiais. Partindo-se de temas comuns ao homem, procura-se chegar a um consenso sobre o posicionamento do mesmo perante o mundo e as tribulações e alegrias nele encontradas.

Um dos recursos, talvez o mais preciso para a eficácia da mensagem proverbial, seja a metáfora, já que esta, não apenas pela beleza literária, mas principalmente pela sua funcionalidade, encerra em si um valor conotativo simbólico universal, apreendido pelo público. Peter Seitel, citado por Ambrose A. Monye, nos fala que “o uso social estratégico da metáfora, isto é, a manifestação em uma forma tradicional, artística e relativamente curta da razão metafórica, usada em um contexto interacional para resolver certos problemas (sociais).”³³

A continuidade da tradição cultural clássica durante a Idade Média, porém, nos leva a considerar a difusão dos provérbios e demais expressões fraseológicas, não apenas como mero exercício de latim com finalidades estéticas de metrificação, mas do mesmo modo, como consolidação de uma mentalidade moral cristã de dominação e de regulamentação da vida social através do discurso (oral e escrito), que sintetiza através de *exempla*, *florilegia* e *libri proverborum*, por exemplo, um manual de conduta dos membros do clero e das demais classes sociais.

No que concerne à sua estruturação, o provérbio possui alguns níveis, sobre os quais podemos rapidamente discorrer. Do ponto de vista de sua estruturação fônica, os provérbios apresentam uma entonação, métrica e ritmo próprios, fazem uso freqüente de aliterações, assonâncias e rimas, com uma estruturação rítmica binária, no caso de boa parte dos dísticos medievais rimados, onde a métrica e a rima, além da cadência fônica, auxiliam a memorização da mensagem proverbial.

A mudança do acento quantitativo para o intensivo, segundo Segismundo Spina, representou o passo para o estabelecimento da poesia românica na Idade Média. Para o autor, a rima foi utilizada “como recurso artístico de expressividade musical, expediente mnemônico ou instrumento apto para enfatizar passagens de sentimento patético”.³⁴ O uso desse artifício requeria estudos tais, que somente poderiam ser feitos em conventos, mosteiros e universidades, o que evidencia um trabalho intelectual apriorístico com a forma do texto e um caráter originariamente erudito deste tipo de produção paremiológica.

Variados são os metros ao alcance dos compiladores de então: o redondilho heptassilábico, o octossílabo, o decassílabo, o hendecassílabo, o alexandrino etc.. Quanto à fraseologia medieval, encontramos uma maior quantidade de expressões fraseológicas compostas por um só verso de seis, sete ou oito sílabas, bem como de dísticos, os quais, inclusive, estão assinalados pela presença de sinais de acentuação.

A seguir sumarizamos as principais características definidoras do provérbio:³⁵

A) Propriedades semânticas

1. Operam com aspectos básicos da vida - amor, saúde, idade, pobreza, riqueza, trabalho, etc. - que não podem ser banais;
2. Dizem respeito a expressões de opinião geral, mais do que da pessoal, e implicam em que a sociedade em geral endosse os sentimentos através delas propostos;
3. Podem ser tomados metaforicamente ou literalmente;

³³ Cf. SEITEL, Peter *apud* MONYE, Ambrose A. “Proverb usage: kinds of relationships”. In: *Proverbium. Yearbook of International Proverb Scholarship*, Ohio, The University of Ohio, 1986, v. 3, p. 87-88.

³⁴ Cf. Segismundo Spina, *Manual de versificação românica medieval*, Rio de Janeiro, Gernasa, 1971, p. 16.

³⁵ As propriedades acima listadas foram retiradas de Maria Helena Trench de Albuquerque, *op. cit.*, p. 28-29. Fizemos algumas alterações quanto à apresentação do citado texto para adequá-lo ao nosso trabalho, sem, contudo, modificar as palavras da autora.

4. Advogam estratégias e dão conselhos;
5. Estabelecem uma verdade geral em contraste com a especificidade do contexto no qual aparecem, referindo-se muitas vezes a uma categoria de experiência mais ampla e geral que a de seu contexto de uso.

B) Propriedades sintáticas

1. Tempo no presente, sugerindo atemporalidade, ou referência a qualquer tempo;
2. Simetria evidente: paralelismos, repetições, lemas, estruturas bipartidas;
3. Uso freqüente da cópula;
4. Uso freqüente dos pronomes pessoais e substantivos;
5. Uso de formas imperativas.

C) Propriedades fonológicas

1. Freqüente uso de aliteração, assonância e rima.

D) Propriedades léxicas

1. Uso de arcaísmos, mas em caso algum os enunciados proverbiais deixam de ser coloquiais.

O provérbio é, então, por nós entendido como unidade fraseológica caracterizada externamente por uma certa concisão e brevidade e, no plano interno, por apresentar elementos metafóricos que contêm uma mensagem de valores gerais referendada através de gerações e que deve ser seguida. Atua em nível do discurso escrito corrente na literatura medieval em língua latina como meio pedagógico, proporcionando aos interessados o discurso da sabedoria, que, no teocêntrico ambiente do medievo, pode ser alcançada através da *revelação* das verdades (humanas e bíblicas) e através do *aprendizado* dos discípulos dentro dos padrões éticos e morais condizentes com um cristão e que configuram implicitamente a aceitação de uma visão de mundo revelada e transmitida pela Igreja através de sua retórica de dogmatização do sagrado. Isto poderia perfeitamente ser referendado pela própria etimologia do termo *proverbium*, de *pro*, “em lugar de, em vez de”, entendido aqui como provérbio e *verbum*, a “palavra”, o próprio Verbo original transmutado em carne, representado no mundo terreno pela Igreja e com cuja divulgação Lull estava firmemente comprometido.

O gênero e a significação do provérbio em Ramon Llull

A literatura sapiencial foi muito cultivada na Idade Média, e os provérbios são um claro exemplo deste tipo da literatura da época e das necessidades que tinha a sociedade. Com os provérbios se forjou uma literatura doutrinal de boas sentenças para os leitores, num momento em que a sociedade necessitava de novos pilares doutrinários. Neste sentido, poderíamos entender as obras literárias de Ramon Llull, tais como a *Doutrina para crianças* (1274), o *Blaquerna* (1283) e o *Félix* (1288), entre outras, como um tipo de literatura que pretendia infundir valores cristãos na sociedade.³⁶

Não foi Ramon Llull o primeiro a escrever um livro de provérbios, nem tampouco o último. Já antes Guillem de Cervera (séc. XIII) escreveu os seus *Provérbios*, e o rei Jaime I o *Livro de sabedoria*.

³⁶ No aspecto literário, cf. Jordi Rubió, «La literatura catalana», em *Historia general de las literaturas hispánicas*, Guillermo Díaz-Plaja (ed.), I, Barcelona, 1949; *Íd.*, *Obras de Jordi Rubió i Balaguer. Ramon Llull i el lul·lisme*, Barcelona, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1985; Lola Badia, *Teoria i pràctica de la literatura en Ramon Llull*, Barcelona, Quaderns Crema, 1991; A. Bonner-L. Badia, *Ramon Llull. Vida, pensamiento y obra literaria*, Barcelona, Quaderns Crema, 1993. No sentido doutrinal remeto o leitor a Jordi Pardo Pastor, «El caballero a lo divino en Ramon Llull: contra el pecado de la lujuria», *Revista Mirabilia*, 1 (2001), www.revistamirabilia.com. Com respeito à situação da Península Ibérica no século XIII, cf. *Ibid.*, «Literatura y Sociedad en el Mundo Románico Hispánico (s. X-XIII): Texte et Contexte», *Revista Internacional d'Humanitats*, 6 (2003), p. 27-36.

Depois contamos com autores como Dom João Manuel (1282-1348) e o seu *Livro dos provérbios*, Sem Tob de Carrión (s. XIV) e os seus *Provérbios morais*, e os *Provérbios* do Marquês de Santillana (1398-1458). Do mesmo modo, tampouco Ramon Llull escreveu somente este *Livro dos Mil Provérbios*: na obra luliana encontramos outros opúsculos que contêm provérbios. Entre estes temos os *Provérbios de ensino*, os *Provérbios da flor maternal* e os *Provérbios da flor cristalina*, todos eles incluídos na *Árvore exemplifical da Árvore da ciência* (1295-1296). Estes provérbios diferenciam-se das sentenças de nosso livro por serem rimados. Outro livro de provérbios é o dos *Provérbios de Ramon* (1296),³⁷ obra anterior ao *Livro dos Mil Provérbios*,³⁸ e que assenta a definição do provérbio em Ramon Llull.³⁹

Nos *Provérbios de Ramon*, o autor diz no prólogo acerca deste tipo de composição literária:

¡Oh, Deus!, com a tua ajuda começamos os *Provérbios de Ramon*. Como o provérbio é uma composição breve, que encerra nela mesma muito de uma sentença, por isso, mediante e segundo a doutrina da *Tábua geral*, queremos expressar e por ao alcance um elevado saber e contemplação; e desejamos tecer muitos provérbios, com o fim de que, por meio deles, possamos difundir em grande medida doutrina.

Este livro é muito útil para conhecer e amar a Deus em si mesmo e no seu próximo, pois mostra a natureza das substâncias e seus acidentes; também ensina a conhecer as virtudes morais e os vícios, uma matéria que é útil para a pregação, sim, a raiz dela, se alegam provérbios. Igualmente o é para a disputa.⁴⁰

No *Livro dos Mil Provérbios*, Llull define o provérbio como «instrumento que brevemente certifica a verdade de muitas coisas».⁴¹ Deste modo, parece que a brevidade e a doutrina são duas coisas próprias do provérbio em Llull, mas os propósitos são claramente doutriniais, tal como se demonstra no *Livro dos Mil Provérbios*: «Fazemos muitos provérbios e diversas maneiras com as quais o homem pode ter matéria para falar dos bons costumes».⁴² O provérbio é a fórmula mediante a qual se ensina com poucas palavras o que em outras obras do Beato se expõe de forma ampla e detalhada. Com certeza, estes provérbios bem se poderiam resumir, devido ao caráter doutrinal, com a palavra *mashal* de origem judaica e que agrupa provérbios, admoestações e sentenças, como no *Livro dos provérbios* da Bíblia.⁴³

Os temas destes provérbios são vários: teologia, filosofia, moralidade, natureza, física, etc., e sua extensão é variada. Podemos considerar alguns destes provérbios como aforismos devido à sua brevidade e ao seu caráter doutrinal. Do mesmo modo, alguns destes provérbios são simples sentenças, o que contradiz a concepção apresentada no prólogo dos *Provérbios de Ramon* e na citação do *Livro dos Mil Provérbios*, pois resultam de largas composições com esclarecimentos similares às *Sentenças* de Pedro Lombardo. Por outro lado, o conceito do provérbio em Ramon Llull baseia-se não em um ensinamento específico, mas num ensino genérico de base doutrinal.

Após esta sucinta explicação sobre o gênero proverbial em Ramon Llull, passamos ao significado que toma este tipo de composição na obra luliana. Já dissemos que o principal apótema luliano é a conversão do infiel e que toda a sua obra gira em torno dessa premissa. A conversão, segundo Ramon Llull, não se deve realizar mediante ‘autoridades’, mas mediante ‘razões necessárias’, que ensinam ao infiel entender a falsidade da sua religião e a verdade de Cristo. Para Ramon Llull, a fé se convertia no primeiro passo para se chegar a entender os *articulis fidei*, já que a fé era a iluminação do entendimento, e essa iluminação junto com as razões necessárias servia para provar a existência de Deus. Graças à brevidade do gênero proverbial, Ramon Llull podia mostrar seu ensino

³⁷ O Prof. Jordi Pardo Pastor está realizando a edição crítica latina do *Liber proverborum* para as ROL.

³⁸ Do mesmo modo, a edição latina do *Liber mille proverborum* para as ROL está sendo realizada pelo Prof. Jaume Medina.

³⁹ Cf. a introdução de S. Garcías Palou a Ramon Llull, *Proverbis de Ramon*, Madrid, Editora Nacional, 1978, p. 9-56.

⁴⁰ Ramon Llull, *Proverbis de Ramon*, em *Obres de Ramon Llull*, Mallorca, 1927, XIV, “Del prolech”.

⁴¹ Ramon Llull, *Llibre dels mil proverbis*, *Obres de Ramon Llull*, Mallorca, 1927, XIV, p. 327.

⁴² Ramon Llull, *Llibre dels mil proverbis*, *ed. cit.*, p. 328.

⁴³ Dom Ramir Augé aponta que: “é curioso que se encontrem uns ao lado dos outros provérbios, admoestações e sentenças, e que estes gêneros literários (e, provavelmente, também o enigma ou adivinhação) sejam resumidos em uma só palavra *mashal*” [Dom Ramir Augé, *Proverbis*, em *La Bíblia* (Versão dos textos originais e comentários pelos monges de Montserrat), 1946, p. iv].

sobre a verdade da religião cristã, o que converte o *Livro dos Mil Provérbios* num verdadeiro manual para o missionário, pois ele contém toda a doutrina luliana de forma breve, direta e ordenada. É, realmente, um livro escrito para todos os homens, seculares ou religiosos.

Neste panorama antropológico, a ‘autoridade escolástica’ não tem valor para Ramon Llull,⁴⁴ já que a compreensão dos *articulis fidei*, da essência de Deus, não se pode realizar através de ‘símbolos’ que declaram a fé, mas mediante alguns argumentos cognoscitivos –neste caso a *Ars* luliana– que podem mostrar, graças à ajuda da fé, a natureza divina. Portanto, a *Ars* luliana se erige como «uma arte de conversão dos infiéis, sem deixar de ser uma arte de salvação e uma arte de descobrir a verdade, comum a todas as ciências».⁴⁵ Em outro plano, a realidade luliana consiste em fazer acessível a Trindade e a Encarnação, já que estes dois são os elementos que separam cristãos de judeus e muçulmanos.

Conforme o que acabamos de dizer, a redação do *Livro dos Mil Provérbios* responde a esta pretensão luliana de caráter apologético. Os temas se sucedem um após outro, sempre em torno de Deus, Suas bondades e dignidades.

O Livro dos Mil Provérbios

No ano 1299, de volta da corte de Paris, Llull tentou a sorte em Barcelona, onde dedicou o *Ditado de Ramon* (1299) ao rei Jaime II de Aragão, e o *Livro de Orações* (1299) à sua esposa, a rainha Blanca. Após esta breve estadia em Barcelona, Llull se trasladou a Maiorca, onde residiu até o ano 1301, ocupando-se em disputas teológicas com os sarracenos da ilha. Neste momento, chegou a notícia de que os tártaros conquistaram o reino da Síria. Assim, embarcou rumo a Chipre, onde se soube que a informação era falsa. Passou alguns meses na ilha, onde escreveu sua *Retórica nova*, na qual Ramon realiza um comentário sobre sua própria técnica literária. Em 1302, Llull cruzou a Armênia, possivelmente para ir a Jerusalém e retornou a Gênova. Durante essas viagens escreveu o *Livro dos Mil Provérbios*. O início do manuscrito do século XIV, procedente da Biblioteca Provincial de Palma de Maiorca é mais que claro ao respeito: “Estes Provérbios fez e ditou o Mestre Ramon Llull de Maiorca, chegando de alto mar, no ano de nosso Senhor Deus Jesus Cristo MCCC e dois.”⁴⁶

Estes mil provérbios de Ramon Llull estão agrupados em cinquenta e dois capítulos que ligam um número de provérbios que está entre os dezessete e os vinte e dois, somando um total de mil trinta provérbios. A organização dos capítulos segue uma ordenação hierárquica: I. Da Devoção, II. Do Prelado, III. Do Príncipe, IV. Dos Súditos..., onde observamos uma espécie de pirâmide, na qual o primeiro estágio é Deus, o segundo estágio é o governo terreno e o terceiro será o homem. Contudo, as virtudes marcam a progressão dos elementos agora aludidos.

Certamente, Ramon Llull quer outorgar um novo código de virtudes baseado nas *virtutes dei* e no amor a Deus acima de todas as coisas. A este respeito, as virtudes que tomaram mais significação nesta obra são a Prudência, a Temperança e a Fortaleza, as três virtudes que no mundo clássico deve possuir um homem sábio.⁴⁷ É esta uma maneira de proporcionar novos valores à sociedade e, o que é mais importante, uma nova maneira de legar novos conceitos aos predicadores. Assim, seguindo as preceptivas do ‘diálogo inter-religioso’, mediante estas virtudes o predicador consegue a sabedoria e pode manter um verdadeiro diálogo com os infiéis. Esta é a função mais importante dos provérbios

⁴⁴ Cf. Anthony Bonner, «L’Art lul·liana com a autoritat alternativa», *Studia Lulliana* 33/1 (1993 [1994]), pp. 15-32; *ibid.*, «Ramon Llull i el rebuig de la tradició clàssica i patristica», en *Homenatge a Miquel Dolç. Actes del XII Simposi de la Secció Catalana i I de la Secció Balear de la SEEC. Palma, 1 al 4 de febrer de 1996*, Palma de Mallorca, 1997, p. 373-385; Jordi Pardo Pastor, «Las auctoritates bíblicas en Ramon Llull: etapa 1304-1311», *Revista Española de Filosofía Medieval* 11 (2004) [en prensa]; *ibid.*, «El versículo Isaías 7, 9 en la obra de Ramon Llull», *Patristica et Mediaevalia* 25 (2004) [no prelo].

⁴⁵ Cf. Joaquim y Tomàs Carreras Artau *Historia de la filosofía española. Filosofía cristiana del siglo XIII al XV*, Madrid, 1939, vol. I, pp. 398 (reeditado pelo Institut d’Estudis Catalans-Diputació de Girona, Barcelona-Girona, 2001).

⁴⁶ Não tivemos acesso ao manuscrito, mas tomamos a referência da introdução de Antoni Comas ao *Livro dos mil provérbios* em OE, p. 1246.

⁴⁷ Pere Villalba, “Reminiscencias ciceronianas en Ramon Llull”, em Alexander Fidora e Jordi Pardo Pastor (edd.), *Convenit Internacional / Convenit Selecta. Cicero and the Middle Ages*, 7 (2001), Frankfurt am Main/Barcelona, 2001, pp. 81-86; estabelece mais paralelismos com o mundo clássico, tais como *caritas, patientia, pietas e amicitia*.

que Ramon Llull apresenta: dar a conhecer o amor a Deus e as virtudes que o homem deve ter para assimilar-se a Deus.

Seguindo esta concepção, o homem sábio, aquele que possui as virtudes mencionadas, será um homem que pode vencer todos os vícios, porque está mais próximo de Deus e, por isso, poderemos falar de ‘homem virtuoso’. As virtudes giram em torno do Alfabeto luliano, representação do caráter formal das figuras da *Ars*⁴⁸:

	Princípios abs.	Princip. rel.	Perguntas	Sujeitos	Virtudes	Vícios
B	Beleza	Diferença	Utrum?	Deus	Justiça	Avareza
C	Magnitude	Concordância	Quid?	Anjos	Prudência	Gula
D	Eternidade	Contrariedade	De quo?	Céu	Fortaleza	Luxúria
E	Poder	Princípio	Quare?	Homem	Temperança	Soberba
F	Sabedoria	Meio	Quantum?	Imaginativa	Fé	Acídia
G	Vontade	Fim	Qual?	Sensitiva	Esperança	Inveja
H	Virtude	Maioridade	Quando?	Vegetativa	Caridade	Ira
I	Verdade	Igualdade	Ubi?	Elementativa	Paciência	Mentira
K	Gloria	Menoridade	Quo modo / cum quo?	Instrumentativa	Piedade	Inconstância

Neste quadro podemos ver os pares Virtudes-Vícios que encontramos em toda nossa obra. Todos estes pares estão relacionados com os princípios e é mais que fundamental que Ramon Llull os utilize para a composição do *Livro dos Mil provérbios*. Ditos *principia* são princípios absolutos que, em origem, se denominaram *dignitates dei*. Estes *principia* são, também, os *principia essendi* e os *principia intelligendi* da criação, que, por este motivo, não podem ser comprovados (pois são condições de possibilidade do ser e do conhecer), ligando-se esta concepção com a intenção missionária de Ramon Llull: estamos diante dos lugares comuns das três grandes religiões reveladas, judaísmo, cristianismo e islamismo, e, neste sentido, se Deus é aquilo *quo nihil maius cogitari potest*, feito que nenhum judeu, cristão ou muçulmano podiam negar, devemos aceitar a atividade *ad intra* da divindade, e, conseqüentemente, a Trindade. Na obra de Ramon Llull, tudo gira em torno da conversão do infiel e do conhecimento de Deus, até os livros que, em aparência, parecem mais literários que doutrinários.

Ligados a isto último, a conversão e o conhecimento se conseguem graças ao Amor. O amor a Deus e a Cristo é a chave para se alcançar as virtudes, pois estas só se logram quando o homem tem conhecimento verdadeiro da divindade. Assim, o processo é circular: o homem deve ter Prudência, Fortaleza e Temperança no seu comportamento na vida ativa, para, chegado à vida contemplativa, lograr entrever a grandeza divina e, em compensação, adquirir aquelas virtudes que o assimilaram a Deus.⁴⁹

Terminada a interpretação de caráter doutrinal do *Livro dos Mil Provérbios* devemos dedicar umas linhas ao seu caráter formal. Nesta obra de provérbios não estamos ante um texto complicado e de tom escolástico como é o caso dos *Proverbis de Ramon* (1296), muito mais amplo, dividido em três livros e com mais de seis mil provérbios. Não estamos frente a uma obra tão monumental, senão ante um texto que quer ser popular, também para o uso quotidiano das gentes do povo. Este fator une-se ao conceito que Ramon Llull tem da predicação: o fim da predicação luliana consiste em aportar os cimentos de uma moral cristã, que consiste em expor uma dita ética baseando-se nos princípios de seu método ‘artístico’, que está encaminhado ao entendimento e não à vontade, já que a *Ars* luliana não se fundamenta em autoridades.⁵⁰

Este é um dos motivos pelos quais o presente texto não é uma obra com simbolismos complicados, nem parábolas escondidas. Não, Ramon Llull quer entregar um texto próximo a todos

⁴⁸ Ver Alexander Fidora, “El *Ars brevis* de Ramon Llull: Hombre de ciencia y ciencia del hombre”, em Alexander Fidora y José Higuera Rubio (edd.), *Ramon Llull: caballero de la fe. El Arte luliano y su proyección en la Edad Media*, Pamplona, Cuaderno de Anuario Filosófico, 2001, pp. 61-80.

⁴⁹ Ver Jordi Pardo Pastor, «Tradición misticoplatónica en el *Llibre d'amic e Amat* de Ramon Llull», *Estudios Eclesiásticos* 76 (2001), pp. 437-450.

⁵⁰ Ver nota 17.

os homens, um texto com o qual podam lograr as virtudes necessárias para se entender a Deus e amar-lhe como bons cristãos. Segundo Antoni Comas, “Estes provérbios constituem uma faceta muito significativa da obra de nosso autor. Em certos momentos tem valor de síntese do pensamento luliano ou refletem aspectos e particularidades da sua vida ou da sua ideologia”.⁵¹

O aspecto codicológico da obra é o que segue: há dois manuscritos em catalão, um manuscrito miscelâneo do século XIV, que procede da Biblioteca Provincial de Palma de Maiorca e um *codex* miscelâneo do século XIV da Biblioteca Universitaria de Valencia. ** em latim. As edições do *Livro dos Mil provérbios* são três: *Beati Raymundi Lulli Doctoris Illuminati et Martyris Liber de mille proverbii latina simul et lemouicensi lingua nunc primum editus*, Miquel Cerdà-Miquel Amorós (ed.), Mallorca, 1746; *OR. Proverbis de Ramon. Mil proverbii. Proverbis d'ensenyament*, Salvador Galmés (ed.), Mallorca, 1928; *Libre dels mil proverbis*, Josep Renyé (ed.), Fondarella, 1989. Neste momento, o Prof. Dr. Jaume Medina da Universitat Autònoma de Barcelona está realizando para as ROL a edição latina do *Liber mille prouerbiorum*. A obra nunca foi editada em português.

⁵¹ Antoni Comas, *Introducció*, em Ramon Lull, *Libre dels mil provérbis*, OE, p. 1249.

Prólogo⁵²

Como o homem foi criado para conhecer, amar, lembrar, honrar e servir a Deus, fizemos estes mil provérbios, com os quais damos doutrina para que o homem saiba se manter na finalidade para a qual foi criado. E como o provérbio é instrumento que certifica de maneira breve a verdade de muitas coisas, e muitas e diversas são as maneiras com as quais o homem ama, honra a Deus e tem caridade⁵³ a si mesmo e a seu próximo, fizemos muitos provérbios de diversas maneiras, para que com eles o homem possa ter matéria para falar dos bons costumes, pondo-os como exemplo ao começar a falar.⁵⁴

I. Da Devoção

1. Estejamos alegres porque Deus é totalmente bom e completo.⁵⁵
2. Porque Deus é melhor que tudo quanto existe, ama mais a Deus pela Sua bondade que pelo teu bem.⁵⁶
3. Contra a bondade e a grandeza de Deus não desejes ser bom nem grande.
4. Quanto mais freqüentemente lembrares e entenderes Deus, mais freqüentemente O amarás e O temerás.⁵⁷
5. Quem mais teme a Deus do que O ama, mais ama a si mesmo que a Deus.
6. Seja bom para que Deus tenha em ti boa obra.
7. Não creias estar na graça de Deus se estás no pecado.
8. Ama muito mais a obra que Deus tem em ti do que a obra que tu tens n'Ele.
9. Mais bem podes fazer com Deus em um dia do que com ti mesmo em mil anos.
10. Ama mais a Deus por Sua bondade que pela tua.
11. Deus prega segundo as Suas condições e não segundo as tuas.
12. Porque a Deus convém grandes obras, podes a Deus pedir grandes coisas.
13. Conhece muito a Deus, para que muito O possas amar.
14. Deus não ama as obras daquele que não ama as Suas obras.
15. Aquele que briga com Deus é vencido.
16. Se não tens bondade, não tenhas esperança em Deus.
17. Busca o teu propósito no propósito de Deus.
18. Busca teu poder no poder de Deus.
19. Junta a fé e a companhia de Deus, para que não tenhas necessidades.
20. Não creias honrar mais a Deus com os bens temporais que com os bens espirituais.

⁵² A presente tradução baseou-se na edição *Obras de Ramon Llull* (ed. S. Galmés e outros). Palma de Mallorca: vol. XIV, 1928, p. 327-389.

⁵³ No sentido de “amor a Deus e também ao próximo.” (N. dos T.).

⁵⁴ Ramon Llull quer apresentar sua obra como uma doutrina válida para todos os casos e todos os homens (Jordi Pardo).

⁵⁵ No sentido também de “perfeição” (N. dos T.).

⁵⁶ Pois a bondade produz o bem (Jordi Pardo).

⁵⁷ Apresenta Ramon Llull o tema da *cogitatio amoris*, tão presente em obras como *O Livro do Amigo e do Amado*. Cfr. PARDO PASTOR, Jordi “Tradición místico-platónica» em el *Llibre de amich e Amat* de Ramon Llull”, *Estudios Eclesiásticos* 76 (2001), p. 437-450 (Jordi Pardo).

II. Do Prelado

1. O pecado no prelado é muito maior pelo seu mau exemplo.⁵⁸
2. O prelado é honrado pela finalidade da prelazia.
3. A muitos fins é obrigada a finalidade da prelazia.
4. Não queiras menosprezar o prelado pela linhagem, mas pelos maus costumes.
5. A bondade do prelado encontra-se mais na sua finalidade e nas boas obras do que no descanso e no enriquecimento dos parentes.
6. De nenhum homem Deus tem tão grande vingança quanto do mau prelado.
7. O prelado que mais ama os bens terrenos que os bens espirituais abastarda a prelazia.
8. O mau prelado usa mal o poder de Deus, que é bom.
9. O falso prelado faz grande injúria à verdade de seu ofício.
10. Báculo, anel e mitra não possuem tanta beleza quanto piedade, caridade e castidade.⁵⁹
11. O prelado atinge maior bem pela finalidade da prelazia que por todas finalidades de seus parentes juntas.
12. Na eleição do prelado vale mais a sabedoria e a bondade que o poder, a linhagem e a beleza.
13. Os bens que o prelado armazena, tira-os dos pobres de Deus.
14. O prelado que fala mal de seu povo fala mal de si mesmo.
15. Ao prelado cabe mais chorar do que rir.
16. Todo prelado que fala demais, deste mundo ou do outro, é falso.
17. Não confies no prelado que não canta a missa freqüentemente.
18. O prelado que não alimenta as suas ovelhas não é alimentado pela graça de Deus.⁶⁰
19. Não te agrades com o prelado que ama mais a ovelha estranha do que a conhecida.
20. Se desejas conhecer o prelado, olha quem está honrando.

III. Do Príncipe⁶¹

1. A justiça do príncipe nutre o povo no amor e no temor.
2. A justiça reluz no príncipe e a lealdade no povo.
3. A maldade do príncipe faz muito mal à lealdade do povo.
4. O povo dividido dá poder ao príncipe malvado.
5. O poder do príncipe é instrumento da finalidade do povo.
6. A ira do mau príncipe e a deslealdade do povo são irmãs.
7. A verdade do príncipe e a lealdade do povo são primas.
8. Há paz naquele reino onde o amor do príncipe e o amor do povo são vizinhos.
9. A linhagem antiga do príncipe cura a doentia lealdade do povo.
10. Os novos costumes enfraquecem a antigüidade⁶² do príncipe e do povo.
11. Da maldade do príncipe nasce a maldade do povo; e da maldade do povo nasce a novidade do príncipe.⁶³
12. O príncipe que é contra a finalidade de seu povo é contra a sua própria finalidade.
13. Não existe nenhum remédio para a contrariedade que surge entre o príncipe e seu povo.
14. A concordância que existe entre o príncipe e seu povo é totalmente vã.
15. Antes fuja do mau príncipe que de uma serpente.

⁵⁸ Ramon Llull baseava-se na máxima que os dirigentes, espirituais ou políticos, do povo deveriam dar o exemplo. Claro exemplo de isto é este apartado dedicado aos prelados e o seguinte dedicado aos príncipes (Jordi Pardo).

⁵⁹ Aquí Ramon Llull quer dizer que as qualidades de um prelado devem ser a piedade, a caridade e a castidade (Jordi Pardo).

⁶⁰ Aquí oímos o versículo “Petre, si diligis me, pasce oues meas” Io. 21, 17 que aparece em tantas ocasiões nos textos de Ramon Llull (Jordi Pardo).

⁶¹ O Príncipe em Ramon Llull deve ser um homem virtuoso que governe com justiça, temperança, prudentia e fortitude; qualidades dos homens sábios (Jordi Pardo).

⁶² Antigüidade no sentido de tradição (N. dos T.).

⁶³ “Para o medievo, a coisa nova, o novo, possuía sempre uma carga negativa, pejorativa. Por exemplo, os protestantes no século XVI se auto-intitulavam *novatores*. Assim, a frase luliana afirma que, pela maldade do príncipe que ressoa em seu povo, nesta reciprocidade entre príncipe e povo nascem “coisas novas”, isto é, ruins, prejudiciais ao corpo social.” — FERNANDO DOMÍNGUEZ REBOIRAS, *Entrevista concedida no Raimundus Lullus Institut.* (N. dos T.).

16. Antes fuja do mau povo que do mau príncipe.
17. O príncipe que faz mal ao povo faz por si mesmo grande injúria a Deus.
18. Entre o amor e o poder que existe entre o príncipe e seu povo não inicies confronto.

IV. Dos Súditos⁶⁴

1. Não vendas nem dêes ao mau senhor a tua liberdade.
2. Para que não sejas ocioso, lembra freqüentemente a finalidade à qual estás sujeito.
3. Ama as necessidades de teu senhor, tanto quanto a ele estás sujeito.
4. Submete teu corpo ao mau senhor, e não a tua vontade.
5. Ao acusarem-te com o mal, responde com o bem.
6. Desculpa-te com poucas palavras para que teu senhor abrevie as suas.
7. Não rejeites sem razão, para que não sejas justamente censurado.
8. Não queiras ser obediente a teu senhor contra Deus.
9. Ama teu senhor para que o possas servir sem esforço.
10. Deseja ser como teu senhor pela bondade e verdade e não pelo poder e vontade.
11. Humilde o é pela vontade, mais que a humildade o é pela finalidade.
12. Ama mais leal servitude do que falsa senhoria.
13. Quem destrói a honra de seu senhor inclina a si mesmo à desonra.
14. Deseja honrar teu senhor tanto quanto a ti e a ele se convém.
15. Serve teu senhor mais por amor do que por pavor, se ele for bom.
16. Quem serve ao mau senhor acostuma-se ao mal e perde seu tempo.
17. Quem não serve a muitas coisas por muitas é censurado.
18. Não desejes ser elogiado por aquilo que tens de fazer por servidão.
19. Ama a paciência para que a possas sustentar.
20. Não tenhas vergonha de servir qualquer senhor, desde que este seja bom.
21. Não acredites ter paz com o mau senhor.

V. Dos Parentes

1. Não ames teu filho mais que tua alma, pois ela não tem parentesco com teu filho.
2. Enquanto tu fores homem, ama mais o parentesco que Deus tem contigo que qualquer outro parentesco.⁶⁵
3. Não creias em parentes que amam mais teus bens que a tua pessoa.
4. Ama mais um bom primo que um mau filho.
5. O parentesco que faz perder a Deus não é amável.
6. Os graus de parentesco são honráveis na medida em que são amáveis.
7. Honra teu parente pelo parentesco, qualquer que seja.
8. Ama mais teu parente pela sua bondade que por sua antiga linhagem.
9. Se com virtudes podes enobrecer tua nova linhagem, com pecados podes tornar vil a antigüidade⁶⁶ de tua linhagem.
10. Na necessidade, o parentesco excita audácia, caridade e piedade.
11. Quando ouvires falarem mal de teu parente, não tenhas vergonha.
12. Louva mais teu parente pela sua bondade que pela sua riqueza.
13. A bondade natural de teu coração e a bondade natural de teu parente são parentes.
14. Pela bondade que tu tens por costume não desculpes teu malvado parente.
15. O parente orgulhoso dá trabalho a seus parentes.
16. Fuja do parente que, enquanto teu parente, tem vergonha de ti.
17. A contrariedade entre parentes é muito má e forte.
18. Confia mais em teu parente pelo seu bom costume que pelo seu parentesco.

⁶⁴ Neste apartado pode entender-se o 'súdito', também, como o súdito de Deus (Jordi Pardo).

⁶⁵ Pois o homem está criado a imagem e semelhança de Deus e, neste sentido, Deus é o Pai de todos os homens e a Igreja é a Mãe. Ver *Provérbios de Ramon*, onde Ramon Llull diz: "Honora Deum, qui est Pater tuus per creationem et beneficia. Honora sanctam ecclesiam, quae est mater tua per uiam salutis." (Tercera Parte, Capítulo XII) [Jordi Pardo].

⁶⁶ Ver nota 17.

19. O honramento de teu parente não é desculpa do teu mau costume.
20. Os teus maus costumes desonram todos os teus parentes.

VI. Da Mulher⁶⁷

1. Ama mais em tua mulher a finalidade do matrimônio que o prazer.
2. Ama mais em tua mulher a bondade que a beleza.
3. Se tomas mulher para ser honrado, não sejas muito íntimo com tua mulher.⁶⁸
4. Não confies em mulher mentirosa.
5. Com a tua fornicação alimentas a fornicação na vontade de tua mulher.⁶⁹
6. Na fornicação está a maior contrariedade que pode existir entre marido e mulher.
7. Seja casto para que tua mulher seja casta.
8. Com amor seja íntimo da boa mulher,⁷⁰ e com temor da má.
9. Antes alimenta tua mulher com amor que com pavor.
10. Não sejas avaro com tua mulher.
11. Faz com que tua mulher não conheça teus vícios.
12. Não existe tão grande trabalho e vergonha como o da mulher má.
13. Ama mais tua bela mulher em casa que na praça.
14. Ama mais a bondade de tua mulher que a de teu filho.
15. Que teus parentes tenham mais poder em tua casa que os de tua mulher.
16. Que os teus costumes sejam mais senhores em tua casa que os costumes de tua mulher.
17. Quem foge do ciúme foge de grande trabalho.
18. Quem freqüentemente tenta sua mulher freqüentemente se arrepende.
19. Diante de tua mulher não fales das circunstâncias da amante.

VII. Do Escudeiro⁷¹

1. Se freqüentemente desejares ser alegre, tenha um bom escudeiro.
2. Muda tantas vezes os escudeiros até que encontres um bom.
3. De ninguém precisarás tão amiúde serviço quanto o do escudeiro.
4. Não repreendas teu escudeiro impulsivamente.
5. Alimenta teu escudeiro com amor, temor e humildade.
6. Dá a teu escudeiro o que lhe prometes.
7. O melhor amigo que tu tens é teu bom escudeiro.
8. Nenhum homem dá tanto trabalho quanto o mau escudeiro.
9. Não te agrades com o escudeiro que deseja belas vestimentas.
10. O escudeiro negligente não é teu amigo.
11. Não confies em escudeiro que ri mais para a tua mulher que para ti.
12. O escudeiro que se arrepende rindo não te ama.
13. Vomita⁷² de ti o escudeiro que não recebe correção.

⁶⁷ A mulher na concepção luliana é a que induze ao homem a cometer o pecado, igual que na maioria dos textos bíblicos, donde Eva é quem empuxa a Adam a que prove a fruta proibida. A mulher, por ende, na Idade Media segue sendo o origem de todos os males: “Eternal Senyor, perdurable, en tots temps gloriós; enaixí com gran secada e grand fred és pestilència dels fruits de la terra, enaixí, Sènyer, la bellea de les fembres es estada pestilència e tribulació a mos ulls; car per la bellea de les fembres som estat oblidós de la vostra gran bonea e de la bellea de vostres obres” (Ramon Llull, *Libre de Contemplació*, en *Obres Escollides*, vol. II, 104, 16, p. 321). [Jordi Pardo].

⁶⁸ No original, “não sejas muito privado” (N. dos T.). Con isto, Ramon Llull pode quer dizer que o homem não deve confiar muitos secretoas a sua mulher, pois estas são enganosas por natureza (Jordi Pardo).

⁶⁹ “No m’és semblant, Sènyer, que haja en tot lo món null pecat qui tant hom tinga en son poder com pecat de luxúria; car tan es mal pecat, que per tot lo món s’estén e s’escampa, e tant s’és estès e escampat en mi pecat de luxúria, que tot s’ha perprès e comprès e en tot mi s’és més; e per null altre pecat no som estat tan leig menat ni tan sobrat ni tan ensutzat com som per pecat de luxúria” (Ramon Llull, *Libre de Contemplació*, en *Obres Escollides*, vol. II, 143, 12, p. 419). [Jordi Pardo].

⁷⁰ Ver nota 23.

⁷¹ A relação do Senhor com o escudeiro se pode ver como um símile entre a relação que Deus tiene com o homem: uma analogia de fraternidade, mas de hierarquia (Jordi Pardo).

⁷² No sentido de expulsar, mas com a idéia da metáfora medieval do corpo (N. dos T.).

14. Nenhum escudeiro pode servir bem seu senhor se não o ama.
15. Ama em teu escudeiro mais a verdade e a lealdade que a rapidez e a beleza.
16. O escudeiro que engana seu vizinho engana tua casa.
17. O escudeiro adulator e difamador não é leal.
18. O escudeiro que não tem vergonha não é bom.
19. Não multipliques palavras com teu escudeiro.
20. Não rias freqüentemente com teu escudeiro.

VIII. Da Companhia⁷³

1. A vontade de teu companheiro faz companhia à tua.
2. Não faças companhia ao homem avarento e orgulhoso.
3. Com a tua lealdade alimenta a lealdade do teu companheiro.
4. Quem mente a seu companheiro alimenta nele a mentira.
5. Conheça teu companheiro tanto quanto ele te conhece.
6. Não faças companhia ao homem que não conheces.
7. A besta que não come carne não faz companhia à besta que come.
8. Não faças companhia ao homem ocioso.
9. Não sejas companheiro de homem que tenha te ameaçado ou desonrado.
10. Faz companhia ao homem honrado e pobre.
11. Não repreendas teu companheiro sem razão.
12. Confia-te à companhia de quem te é superior.
13. Não faças companhia ao homem que rapidamente muda seu propósito.
14. O companheiro que louva teus vícios não é leal.
15. A companhia do homem pecador é muito perigosa.
16. Não faças companhia ao homem que tem fortes inimigos.
17. Não faças companhia ao homem que deseja comprar tua casa.

IX. Do Vizinho

1. Sê cortês com teu vizinho.
2. Com teu bom vizinho seja íntimo em tua casa, e com o mau vizinho no caminho.
3. Que teu cão não morda o cão de teu vizinho.
4. Ri do bem de teu vizinho e chora seu mal.
5. Quem tem mau vizinho freqüentemente tem trabalho.
6. Não peças o que teu vizinho faz em sua casa.
7. Fala dos bons costumes de teu vizinho e não dos maus.
8. Com teu vizinho não fales de sua mulher nem da dele.
9. Não digas a teu vizinho o que tu comes em tua casa.
10. Não fales mal daquilo que teu vizinho ama.
11. Se teu vizinho tem necessidade, sê piedoso e caridoso.
12. Ri para teu bom vizinho e chora para teu mau vizinho.
13. Com teu bom vizinho socorre-te do mau vizinho.
14. Não peças conselho nem ajuda a teu mau vizinho.
15. Devolva os bens do mau vizinho.
16. Não creias no que o mau vizinho diz de tua mulher nem da dele.
17. Com teu bom vizinho tenha muitas palavras.
18. Que teu mau vizinho não conheça os segredos de tua casa.
19. O bom vizinho louva o bom homem e o mau vizinho louva o homem mau.
20. Fica alegre com o poder de teu bom vizinho, e do poder de teu mau vizinho fica triste e irado.

⁷³ Este apartado como os seguintes tratam a fraternidade com o próximo (Jordi Pardo).

X. Do Amigo⁷⁴

1. Ama o que teu amigo ama.
2. Se o amigo é grande seja um grande amigo.
3. Aquele que cansa de servir seu grande amigo tem pouca amizade.
4. Não desejes jogar com teu amigo.
5. Não repreendas teu amigo freqüentemente.
6. Ama teu inimigo por tua bondade e tenha esperança.
7. Não sejas íntimo do inimigo de teu amigo.
8. Louva o bem do teu amigo e blasfema seu mau.
9. Por causa de um mal de teu amigo não percas muito de seus bens.
10. Com teu amigo fala palavras amorosas.
11. Não ganhes teu amigo com dinheiro nem o percas pela ira.
12. Faz um só poder do teu poder e do poder de teu amigo.
13. A vontade de dois amigos se concordam a uma só.
14. Quem possui bom amigo tarda a ter necessidade.
15. Teu bom amigo te cura da doença que tens por teu inimigo.
16. Faz amigas e vizinhas as riquezas que tu tens e as riquezas de teu amigo.
17. Não creias ser amigo se és inimigo.
18. Não faças tantos nem tão grandes prazeres a nenhum homem quanto a teu bom amigo.
19. Para não dar paixão a teu amigo não lhe fales de seu inimigo.
20. Sofre os vícios de teu amigo para que ele sofra os teus.

XI. Do Inimigo

1. Ama teu inimigo enquanto é criatura de Deus e não enquanto tem maus costumes.
2. Tenta ver se teu inimigo poderá ser teu amigo.
3. Faz vantagem a teu inimigo para que ele faça a ti.
4. Quem freqüentemente lembra e fala de seu inimigo, freqüentemente tem paixão.
5. Não multipliques o poder e a ira de teu inimigo.
6. Torna teu inimigo estranho aos teus olhos e aos teus ouvidos.
7. Quem fala mal de seu inimigo, procura que seja duplamente mal falado.
8. Não creias facilmente quando te falam mal do teu inimigo.
9. Contém a ira do teu inimigo se o louvas.
10. Se é inimigo por teu vício, torna-o amigo com tua virtude.⁷⁵
11. Se tens inimigo tem pavor dele.
12. Tem maior pavor de teu inimigo dormindo do que acordado.
13. Não durmas enquanto teu inimigo estiver acordado.
14. Sabe as condições de teu inimigo, e que ele não saiba as tuas.
15. Tem pavor do inimigo sábio e não do louco.
16. A teu inimigo fala do bem e não do mal.
17. Fica amigo do amigo e do inimigo de teu inimigo.
18. Não acredites em nada no teu inimigo.
19. Não tenhas inimizade por pouca coisa.

XII. Da Justiça⁷⁶

1. Se amas ser justo com amor, amas a justiça.
2. A justiça faz o homem justo amar e desejar.

⁷⁴ Este apartado, ademais da fraternidade entre amigos, trata a fraternidade que deve existir entre o amigo (o homem) e o amado (Deus) [Jordi Pardo].

⁷⁵ As virtudes são definidas como guardião dos fins do homem (Jordi Pardo).

⁷⁶ A justiça deve ser uma virtude do homem, pois é uma das mais importantes virtudes de Deus. Na *Ars compendiosa Dei* Ramon Llull afirma que julgar é o ato próprio da justiça. Neste sentido o julgamento final será o momento no qual a justiça revelara o caráter de todos os homens, outorgando aos homens bons a recompensa e aos homens malos a danação (Jordi Pardo).

3. Pela justiça terás a paz e o trabalho.
4. Quem engana a justiça compra a injúria.⁷⁷
5. A justiça é a riqueza do homem pobre e a injúria é a riqueza do homem rico.
6. Acostuma teus pés aos bons costumes e tuas mãos às boas obras.
7. Quem é inimigo da justiça é inimigo de todas as coisas.
8. O melhor amigo que há em teu celeiro e em tua dispensa é a justiça.
9. Quem ama a justiça ama o rei.
10. Se possuis grande desejo de comer julgue-o com muito amor.
11. A justiça tem maior parentesco com a bondade que com o dinheiro.
12. A justiça e injúria estão todo o tempo em guerra.
13. Deus ajuda a quem combate a injúria com a justiça.
14. Aconselha-te com a justiça e não creias na injúria.
15. A pessoa com muita falsidade julga injuriosamente.
16. Não te julgues ser salvo por tua bondade.
17. Tem pavor da justiça eterna.
18. Foge e abandona os pecados de tua alma e de teu corpo.
19. Torna viva a justiça com caridade e mortifica a injúria com pavor.

XIII. Da Prudência⁷⁸

1. Quem elege a prudência elege o maior bem e se esquiva do maior mal.
2. A prudência está distante do homem que não é sábio.⁷⁹
3. Com o homem louco não creias ter sabedoria.
4. A prudência está acordada enquanto a imprudência dorme.
5. Quem tem prudência não é pobre.
6. Com a prudência verás os bens e os males de si e do outro.
7. A prudência tem repouso na finalidade do bem.
8. Com boa vida e boa morte fugirás da má morte.
9. Com prudência fala com o homem louco.
10. A prudência e o caráter⁸⁰ são parentes.⁸¹
11. Se não há nada que se possa ganhar com a imprudência, não há nada que se possa perder com a prudência.
12. Ria com a prudência e chore com a imprudência.
13. A prudência ri quando a imprudência chora.
14. A prudência é o poder do bem e a imprudência do mal.
15. A prudência espera e a imprudência foge.
16. Com a prudência conhecerás o homem sábio e o louco.
17. Com a prudência conhece a ti mesmo.
18. Ama mais teu amigo pela prudência que pela riqueza.
19. Quem não pensa com prudência não fala com prudência.
20. A prudência com sanidade tem grande poder e com maldade pouco poder.

⁷⁷ “[...] per justícia deu hom més amar, honrar, conèixer, servir Déu, que nenguna altra cosa; car Déus és pus noble cosa que neguna altra cosa, ne tot quant és, no és tan bo ne tan noble com és Déu; e per ço tany-se que Déus sai molt més amat, conegut, que tot quant és. Donç, molt gran injúria és que hom am e servesca més altra cosa que Déu” (Ramon Llull, *Fèlix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 66, p. 220) [Jordi Pardo].

⁷⁸ A prudência é uma das características mais valorizadas na Idade Média em um homem sábio. Do mesmo modo, Ramon Llull diz em relação à justiça: “A justiça e a prudência convêm ao ser humano [...]” (Raimundo Lúlio, *O livro do gentio e dos três sábios*, Petrópolis, Editora Vozes, 2001, p. 71) [Jordi Pardo].

⁷⁹ A prudência é sinônima da sabedoria: “Amável filho, prudência e sabedoria são quase uma mesma coisa” (Ramon Llull, *Libre d'intenció*, ORL XVIII, p. 22) [Jordi Pardo].

⁸⁰ “A prudência e a maneira são parentes”. Traduzimos conforme o sentido (N. dos T.).

⁸¹ O presente versículo poderia dizer que a prudência e a “maneira”, no sentido do bom comportamento na sociedade, são necessárias para a correta vida cristã (Jordi Pardo).

XIV. Da Fortaleza⁸²

1. Se tens força de coragem com bondade és fortemente bondoso.
2. Contra forte pecado tem forte bondade.
3. Com forças espirituais podes vencer forças espirituais.
4. Porque a vontade tem liberdade, tem força contra o pecado.
5. Não confies em homem que não tem forte coragem.
6. Quem tem forte coragem não tem pavor.
7. Sem forte coragem não podes vencer teu inimigo.
8. Quem não tem forte coragem é vencido frequentemente.
9. Ama a finalidade para qual foi criado e terá forte coragem.
10. Não combatas sem forte coragem.
11. A forte coragem te guarda da vergonha.
12. Pouco avança quem ameaça um homem de forte coragem.
13. Antes vencerás a espada e a faca que a forte coragem.
14. Não viajes com homem que tem pouca coragem.
15. A força de lembrar, entender e amar não é vencida.
16. Tuas forças fortalecem as forças de tua coragem.
17. A força de coragem não tem falsidade e nem astúcia.
18. A força de coragem e a lealdade possuem parentesco.
19. Toda coragem falsa é covarde.⁸³
20. Fortalece tua coragem com amor e temor de Deus.

XV. Da Temperança⁸⁴

1. Mais vale a temperança na vontade do que o saber no coração e nos lábios.
2. Quem não tem temperança está próximo da morte.
3. Tu não podes ter temperança por ninguém.
4. A temperança e a sanidade são amigas.
5. Quem tem temperança não precisa do ofício da medicina.⁸⁵
6. A temperança é o tesouro da vida.
7. A temperança come e a gluttonia jejua.⁸⁶
8. A temperança ri e a gluttonia chora.⁸⁷
9. A temperança e riqueza são irmãs.
10. O maior amigo que a temperança tem é a pobreza.⁸⁸
11. Quem tem temperança todos os dias está alegre.
12. Com a temperança estarás distante da vergonha
13. Quem tem temperança saberás responder a qualquer hora do dia.
14. No princípio, no meio e no fim do ato de comer lembra e ama a temperança.
15. Quando fores convidado, convida a temperança.
16. A temperança, a prudência e a fortaleza são vizinhas.⁸⁹

⁸² Segue Ramon Llull apresentando às qualidades do homem sábio tam prezadas na Idade Média: prudência, fortaleza e temperança. Sobre a fortaleza diz Ramon Llull: “Em força de fe, speranza, caritat, justícia, prudencia, temprança es actu de fortitudo” (Ramon Llull, *Llibre contra Anticrist*, NEORL 5, 1996, P. 143) [Jordi Pardo].

⁸³ “Toda coragem falsa tem falsa coragem”. Traduzimos conforme o sentido (N. dos T.).

⁸⁴ Ver notas 33 e 37.

⁸⁵ Pois não sofre alterações da bÍlis negra e da bÍlis amarela, elementos que seguindo os médicos medievais convertiam ao homem em colérico ou luxurioso (Jordi Pardo).

⁸⁶ No sentido espiritual (N. dos T.).

⁸⁷ Nestes dois últimos provérbios, Ramon Llull une a temperança com a gula, como elementos contrários. “Temperança e gula são contrários [...]” (Ramon Llull, *Félix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 69, p. 229) [Jordi Pardo].

⁸⁸ Pois conduz ao homem ao ascetismo, primordial para manter uma boa vida cristã (Jordi Pardo).

⁸⁹ Aqui Ramon Llull une em um mesmo provérbio as qualidades que caracterizam ao homem sábio. Diz Ramon Llull: “E como o ser e a maior prudência e fortaleza convêm, e o não-ser e a menor prudência e fortaleza convêm, fica por isto manifesto que em Deus há sabedoria e força, pela influência da qual há no homem prudência e fortaleza” (Raimundo Lúlio, *O livro do gentio e dos três sábios*, Petrópolis, Editora Vozes, 2001, p. 72) [Jordi Pardo].

17. Quem vende sua temperança compra a morte.
18. A temperança antiga vive sem paixão.
19. Quem tem temperança freqüentemente ganha.
20. Coloca a temperança em todos teus feitos.

XVI. Da Fé⁹⁰

1. Com a fé crê nas verdades que não entende.⁹¹
2. Com a crença conseguirás ciência.⁹²
3. Quem desonra sua verdadeira fé blasfema a Deus.
4. Não descreias todas as coisas que não podes entender.
5. Primeiramente creia depois entenda.⁹³
6. Subitamente creias e entendas com deliberação.
7. Com fé tem vontade ativa e entendimento passivo.
8. Onde mais crê, mais podes entender.
9. Onde mais entende, mais podes crer.⁹⁴
10. Quem vende sua fé, compra o inferno.
11. Com a fé faz de Deus teu vizinho.
12. Se pela fé estás rico e honrado, pela fé estás acostumado.
13. Não deixes ocioso o poder que possuis.
14. Chora, porque a fé está mais desonrada que honrada.⁹⁵
15. Quem pela fé morre pela fé vive.
16. Ama mais tua fé que teu filho.
17. Combata falsa crença com argumentos.⁹⁶
18. Tens um mérito por crês nas coisas corporais e outro por crês nas coisas espirituais.
19. A força da fé está para a vontade e a força do argumento está para o entendimento.
20. O entendimento sabe que a fé ilumina vários caminhos com amor.
21. A fé é propícia à vontade e distante do entendimento.

XVII. Da Esperança⁹⁷

1. Tenha maior esperança no maior poder da bondade.
2. Não tenhas esperança em Deus sem bondade e justiça.⁹⁸

⁹⁰ “Amável filho, fé é amar Deus em sua unidade, trindade, e em sua encarnação [...]” (Ramon Llull, *Fèlix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 63, p. 211) [Jordi Pardo].

⁹¹ Ramon Llull propõe um sistema no qual se aportam razões necessárias para a compreensão da fé. Véase GRACIA, Jordi, «La doctrina luliana de las razones necesarias en el contexto de algunas de sus doctrinas epistemológicas y psicológicas», *EL* 19 (1975), pp. 25-40 (Jordi Pardo).

⁹² Pois a fé ilumina o intelecto para que pueda chegar a entender a existência de Deus (Jordi Pardo).

⁹³ É este um claro exemplo da máxima bíblica que Ramon Llull repete nos seus escritos: “Nisi credideritis, non intelligetis” (Is. 7, 9). Ver, J. PARDO PASTOR, «El versículo Isaías 7, 9 en la obra de Ramon Llull», *Patristica et Mediaevalia*, [em prensa]. (Jordi Pardo).

⁹⁴ Nestes dois últimos provérbios apresenta Llull a dualidade entre a crença e a compreensão. Para Ramon Llull Deus pode intelegir-se mediante a razão (filosofia) e a fé (teologia). [Jordi Pardo].

⁹⁵ “Jo son Fe, qui ané ab aquesta dona, Veritat, en una terra de sserrayns, per tal que·ls convertís a via de salut. No han volguda reebre mi ni Veritat: descreents son e contraris a mi e a Veritat. Trista és la mia ànima con Déus no és honrat, creegut, amat, en aquelles terres; dolor he e pietat de la dampnació d’aquelles gents innotants. A plorar me cové lo gran dampnatge qui·s segueix de la error en què son; e a plànyer me cové lo mèrit qui·s pert en aquells qui no·ls van mostrar mon frare e ma ssor” (Ramon Llull, *Libre d’Evas e Blaquerma*, ENC, vol. I, p. 216). [Jordi Pardo].

⁹⁶ Ramon Llull propõe neste provérbio o seu ideário apologético: a conversão dos infiéis mediante razões necessárias, é dizer, mediante argumentos que podam provar a fé cristã. Deste modo, os infiéis no deixam um crer por outro, senão um crer por um entender (Jordi Pardo).

⁹⁷ “A esperança espera pela caridade e a caridade ama pela esperança; porque onde a esperança é maior, convém que ali haja maior caridade, e quanto mais o homem ama fortemente aquilo em que confia, tanto mais ali ama uma esperança” (Raimundo Lúlio, *O livro do gentio e dos três sábios*, Petrópolis, Editora Vozes, 2001, p. 70) [Jordi Pardo].

⁹⁸ “[...] esperança e desesperança são contrárias. Esperança é virtude que Deus há criada para que o homem espere na grandeza, bondade, poder, justiça, misericórdia de Deus; e em todas as dignidades de Deus, quer Deus que o homem tenha esperança.” (Ramon Llull, *Fèlix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 64, p. 214) [Jordi Pardo].

3. A mais sã esperança se encontra em tua sanidade do que em tua maldade.
4. A esperança sã conforta e a má esperança desconforta.
5. Tenha maior espera em Deus pela Sua bondade do que em teus méritos.
6. É coisa inconveniente se desesperar, porque Deus pode perdoar.
7. Maior pode ser a esperança pelo amor do que a desesperança pelo temor.
8. A esperança é a mensagem que o homem envia a Deus para que Ele a receba e o perdoe.
9. Tenha esperança na receptividade da misericórdia de Deus.
10. Tenha esperança porque Deus ama mais perdoar do que punir.
11. Sem esperança não tens amigo.
12. Quem perde a esperança perde todas as coisas.
13. Quem tem esperança não passa necessidade.
14. Quem tem o poder da esperança não é vencido.
15. A esperança o torna diligente, inteligente e cortês.
16. Conserva a esperança com justiça, fortaleza, prudência e temperança.
17. Não podes ter esperança sem caridade.
18. A esperança não dá grande despesa⁹⁹.
19. Tenha grande amor se desejas ter grande esperança.

XVIII. Da Caridade¹⁰⁰

1. Informa tua vontade com a caridade.
2. Sem a caridade não sabes amar.
3. Quem tem caridade, tem caridade com Deus, consigo e com seu próximo.¹⁰¹
4. Não podes ter melhor riqueza que a caridade.
5. Pode ter tanta caridade quanto quiseres.
6. A caridade não cansa.
7. A caridade é o castelo da lealdade.
8. Quem vende caridade não compra nada.
9. Mais vale a caridade em tua vontade que todos os teus méritos.
10. A caridade não pode ser usada se não for doada.
11. Tenha caridade para que Deus a tenha de ti.
12. Se desejas ser bem amado, ama a caridade.
13. Quem não tem caridade em todas as coisas é descortês.
14. Aconselha-te com caridade e não serás enganado.
15. Não sejas íntimo com homem que não tem caridade.
16. Quem está em caridade está na graça de Deus.
17. Louco é aquele que não é caridoso e quer ser amado.
18. Com a caridade suspira, chora e ri.
19. Com a caridade prega e com a caridade deixe pregarem a ti.
20. Quem não vive com a caridade morre sem a caridade.

XIX. Da Verdade¹⁰²

1. Com a verdade e a bondade distancia-se de seus grandes contrários e serás elevado.¹⁰³
2. Não ocultes a verdade daqueles que não a tem como ofício.

⁹⁹ A esperança é o último que o homem deve perder (Jordi Pardo).

¹⁰⁰ A caridade é outra das qualidades primordiais da vida cristã. Ramon Llull fala sobre a caridade e o seu opuesto, a avareza: “A caridade es a liberalidade convêm; e como a avareza é contra liberalidade, por isso a caridade é contra avareza, e avareza contra caridade”(Raimundo Lúlio, *O livro do gentio e dos três sábios*, Petrópolis, Editora Vozes, 2001, p. 75). Ver também nota 46 (Jordi Pardo).

¹⁰¹ “Caridade [...] é virtude onde se segue amizade entre Deus e o homem [...]” (Ramon Llull, *Fèlix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 65, p. 217) [Jordi Pardo].

¹⁰² A verdade faz ao homem livre, pois reafirma a sua condição de livre alvedrio (Jordi Pardo).

¹⁰³ O contrário da verdade é a falsidade: “Verdade e falsidade são contrários [...]”(Ramon Llull, *Fèlix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 79, p. 258) [Jordi Pardo].

3. Deus ajuda a quem se defende com a verdade.¹⁰⁴
4. Não te apresses em vencer a verdade com a falsidade.
5. Quem ganha com a falsidade perde com a verdade.
6. Quem é rico com a falsidade é pobre com a verdade.
7. A alma é ganha com a verdade virtuosa.
8. Na verdade de amar e entender a Deus não existe paixão.
9. Não desejes ter honramento sem a verdade.
10. Todas as vezes que não disseres a verdade tenha pavor.
11. Todas as mentiras não valem uma verdade.
12. As raízes da falsidade são podadas com a verdade.
13. A verdade não morre jamais.
14. Quem vende a verdade pela mentira vende a Deus.
15. Mais vale a verdade no homem pobre que a mentira no homem rico.
16. A verdade não tem pavor, e a mentira e a falsidade não têm coragem.
17. A verdade caminha de dia e a falsidade de noite.
18. Em toda a mentira há a necessidade do bem.
19. Nenhum tesouro é maior que a verdade.
20. A verdade está todos os tempos sã.
21. Quem tem a verdade tem muitos amigos.
22. O verdadeiro e a palavra falsa não têm parentesco.

XX. Da Contrição¹⁰⁵

1. Quem tem contrição está próximo da satisfação.
2. Com contrição dê consciência apaixonada à vontade.
3. Quem tem contrição não ri.
4. Quem conta seus pecados com risos não tem contrição.¹⁰⁶
5. Sem contrição não podes ter perdão.
6. A contrição dispõe o pecador a desejar o perdão.
7. Que a contrição te faça chorar para que possas rir no Paraíso.
8. Uma paixão por contrição vale mais que todas as bem-aventuranças por risos.
9. A contrição é a mensagem que o pecador envia à piedade de Deus.
10. A contrição sem esperança não tem forma.
11. A contrição e a graça de Deus são vizinhas no homem pecador.
12. Quem chora com contrição chora com doces lágrimas.
13. Se freqüentemente pecas, freqüentemente tens contrição.
14. Quanto maior o pecado, maior a contrição.
15. Quem tem lenta contrição ou quem a enfraquece é vizinho do demônio.
16. Tua contrição está mais viva pelo amor que tens a Deus que pelo pavor que tens d'Ele.
17. Em todos os tempos a contrição é amiga leal.
18. A contrição é fonte de suspiros.
19. Com a contrição chores tua alma gorda¹⁰⁷.
20. A contrição por amor e por pavor são vizinhas.
21. O tesouro de Davi e a sabedoria¹⁰⁸ de Salomão não valem mais que a contrição.

¹⁰⁴ Pois Deus é a essência da verdade, e o homem que diz verdade se assimila a Deus (Jordi Pardo).

¹⁰⁵ É este outro dos elementos fundamentais dos valores do cristianismo (Jordi Pardo).

¹⁰⁶ “Contrição é mensurado desejo, e é o contrário a inveja, que é vício mortal onde o homem deseja desejo injurioso contra cumprimento de contenção” (Ramon Llull, *Fèlix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 66, p. 220) [Jordi Pardo].

¹⁰⁷ Alma gorda no sentido de obscena, destemperada (N. dos T.).

¹⁰⁸ A sabedoria é o conhecimento superior das coisas excelentes. Para Aristóteles, possui dois significados: 1) o grau mais elevado, sólido e completo de conhecimento e 2) ter como objetivo as coisas mais elevadas e sublimes, isto é, as coisas divinas.

XXI. Da Consciência¹⁰⁹

1. A consciência é a luz espiritual que dá paixão à alma contra o seu pecado.
2. A consciência aconselha o homem a se arrepender de seus pecados.
3. Aconselha-te com a consciência quando desejares pecar.
4. Nenhum conselho é mais leal que aquele doado pela consciência.
5. Quem não crê na consciência não crê em si mesmo.
6. Não tenhas consciência muito grande nem muito pequena.
7. Não confies em pecador que não possui consciência.
8. Quem tem grande consciência tem grande pavor.
9. A consciência está em trevas quando tem grande pavor.
10. A consciência dispõe à contrição, a contrição à satisfação e a satisfação ao perdão.
11. Deus não tem piedade do pecador que não tem consciência.
12. A consciência pune mais cedo tua alma quando comete o pecado, que o espinho em teu pé.
13. Com tua consciência acompanha a justiça, a prudência e a fortaleza para que não sejas vencido.
14. A consciência que está louca não possui amigos.
15. A consciência nasce da razão para que seja seu conselho.
16. A consciência é a mensageira de Deus que revela Sua vontade.
17. Mais vale a consciência em tua alma que o delito em teu corpo.
18. A consciência te dá justiça para que tenhas alegria.
19. A consciência é própria para suspirar e chorar.
20. A consciência está distante da imundície do pecado.

XXII. Da Penitência

1. A penitência é filha da consciência.
2. Não podes fazer penitência sem paixão.¹¹⁰
3. Quanto maior a penitência maior a paixão.
4. Não podes fazer tão grande penitência com muito dinheiro e sim com grande jejum.
5. Arrependa-te e aconselha-te com penitência.
6. Mais próximo estás da penitência por amor do que por pavor.
7. Pede a Deus pelo teu perdão com penitência.
8. Com a penitência podes vencer todos os teus pecados.
9. Sem a penitência não podes encontrar o perdão.
10. A penitência intensa pertence à alma e se estende ao corpo.
11. Mais vale chorar na penitência que dar esmola.
12. Quem chora com a penitência com ela sorri.
13. A penitência e a satisfação são irmãs.
14. Faça a penitência em teu coração com suspiro, em teus olhos com lágrimas e na obra com trabalho.
15. O pecador que não faz penitência está distante do perdão e próximo da justiça.
16. A graça e a prudência estão distantes de quem espera fazer penitência no Purgatório.
17. Para tal pecado, tal penitência.
18. Por mais que não tenhas vergonha de pecar, não tenhas vergonha de fazer penitência.
19. A áspera penitência é uma esperança lisa e suave.
20. Imagina freqüentemente as grandes penas infernais e perpétuas para que tenhas paz ao fazer penitência.
21. Não esperes fazer penitência nos momentos em que não podes fazê-la melhor.

¹⁰⁹ Seguindo Ramon Llull, “A consciência é aquela natura intelectual por a qual a alma sente que se inclina contra a final intenção por a que é criada; e esta mesma natura Deus há criado na anima do homem, para que a anima conheça aquelas coisas que fazee seguindo a Deus o contra Deus” (Ramon Llull, *Fèlix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 66, p. 220) [Jordi Pardo].

¹¹⁰ Seguindo Ramon Llull “Os homens fazem penitência dos seus pecados, dos quais se arrependem com justiça, caridade, esperança, sabedoria, fortaleza e temperança [...]” (Ramon Llull, *Fèlix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 104, p. 336) [Jordi Pardo].

22. Considera fazer penitência para que a justiça de Deus seja benevolente e tua amiga.

XXIII. Da Confissão¹¹¹

1. Confessa teus pecados ao homem que ama a confissão.
2. Não confesses teus pecados ao homem que não conhece o pecado.
3. A confissão não vale nada sem contrição.
4. Na sanidade a confissão é sã e na doença é doente.
5. Quem se confessa com risos morre sem confissão.
6. A confissão com vergonha pode ser sã ou doente.
7. Em tua confissão acompanha o suspirar e o chorar com virtudes.
8. Em tua confissão faz teu confessor um amigo, um juiz e um senhor.
9. O confessor é o vigário de Deus na confissão.
10. Te confessa fortemente uma vez para que não precise confessar novamente.
11. Quem se confessa não deve esconder nada.
12. Deus engana quem pensa enganar seu confessor.
13. O confessor que é procurador não sabe se confessar.¹¹²
14. Te confessa de tal maneira para que com consciência e contrição tenhas paz.
15. Quem falsamente se confessa é desonrado por Deus.
16. O pecador que não se confessa está na ira de Deus.
17. Te confessa a Deus até que tenha alguém com quem possa confessar.
18. Quem vende confissão compra pecado.
19. A finalidade da confissão é o perdão.
20. Não sejas íntimo dos inimigos da confissão.

XXIV. Da Satisfação

1. Dá satisfação [ao confessor] de acordo com o que tens pecado.
2. Se tens comido muito, satisfaz-te comendo pouco.
3. Se tens pecado por nobres vestimentas, satisfaça-te com humildes vestes.
4. Se com pouco amor pecas, satisfaça-te com grande amor.
5. Não podes ter satisfação com o tempo perdido.
6. Se com a mão não podes ter satisfação, a tenha com a vontade¹¹³.
7. A satisfação, a justiça, a penitência e a contrição são primas.
8. Se estás tentado contra a expiação¹¹⁴, ajuda-te com teus parentes.
9. Com satisfação, satisfaz a justiça com a misericórdia, pois são irmãs.
10. A satisfação por dinheiro não vale tanto quanto a penitência.
11. Se tens pecado por ver e falar, satisfaz-te com o chorar.
12. Quanto maior a satisfação, maior a paixão.
13. Se tens feito pecado em tudo, satisfaz-te de tudo com a penitência.
14. Quem pratica a satisfação bem pede o perdão.
15. Se tens pecado com mal exemplo, satisfaz-te com bom exemplo.
16. Se tens pecado contra a caridade, satisfaz-te com ela.
17. Para tal pecado, tal satisfação como contrário¹¹⁵.
18. Não podes ter tão grande satisfação quando estás em pecado.
19. Pede perdão do que com satisfação não podes cumprir.

¹¹¹ Em Ramon Llull a confissão é: “outorgação dos erros que há fecho contra Deus; na qual confissão deve ter penitência [...]”(Ramon Llull, *Fèlix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 103, p. 33) [Jordi Pardo].

¹¹² A tradução da palavra procurador é: “aquele que trabalha representando uma coletividade”, isto é, um advogado (N. dos T.).

¹¹³ É possível que o sentido da frase seja: “tenha satisfação com a vontade já que não podes ter com a ação” (N. dos T.).

¹¹⁴ No original a frase é: “Se estas tentado contra satisfação, ajuda-te com teus parentes”. Como a frase não tem sentido, e a palavra *satisficció* em catalão é uma variante da palavra *purgament* (purgação, expiação), optamos por esse segundo sentido (N. dos T.).

¹¹⁵ A satisfação é o resultado do ato de fazer o bem, portanto, o oposto do pecado (N. dos T.).

20. Satisfaz a Deus porque tudo o que existe em ti é Dele.

XXV. Da Santidade

1. Quanto maior a santidade maior a bondade.
2. Sem a santidade não és digno de ter esperança em Deus.
3. Sem a vontade santa não podes amar a Deus.
4. Tua alma não pode ter repouso sem santificar o teu lembrar, entender e amar a Deus.
5. Não cometas pecado e serás santificado.
6. Não vendas a santidade por nada.
7. Sem a santidade não desejes servir nem ser servido.
8. Compra a santidade com todas as coisas.
9. Ama mais a santidade que os teus parentes.
10. Sem a santidade não desejes ter honramento.
11. Quem não tem santidade não tem Deus e nem Deus o tem.
12. Se desejas morrer de maneira santa tem santa vida¹¹⁶.
13. A santidade é memória antiga.
14. Quem com santidade ama, com santidade é amado.
15. Com a santidade estás inocentado de teu pecado.
16. A teus pés dá santos caminhos e a tuas mãos santas obras.
17. Não podes ter santidade sem graça e caridade.
18. Crê mais ter santidade pela graça e pelo dom que pelas tuas obras.
19. Não desejes ter santidade para ter honramento.
20. Todos os bens terrenos não valem uma santidade do homem.

XXVI. Da Abstinência¹¹⁷

1. Abstém-te da vontade para que o entendimento possa deliberar.
2. Quem no princípio da ira começa a se abster busca a paciência.
3. Abstém tua vontade e não teu entendimento.
4. Quem se abstém se esforça.
5. Abstém teus sentidos corporais até que a razão seja tua dona.
6. Quem não se abstém quando está livre, abstém a fé quando está submetido.
7. Ama mais a abstinência por amor que por pavor.
8. Quem não se abstém procura a vergonha e o trabalho.
9. Tem abstinência para que tenhas paz.
10. O trabalho do homem que não tem abstinência incita a ter abstinência.
11. Quem não se abstém se mete em grande perigo.
12. Quem se abstém de fazer o mal não se arrepende.
13. Não tenhas abstinência para fazer o bem.
14. Sem abstinência não podes ser sábio nem correto.
15. Tem abstinência até que saibas a finalidade que desejas fazer.
16. A abstinência é o conselho do homem sábio.
17. A abstinência que perdes não podes cobrar.
18. Tem abstinência se não desejas ser repreendido.
19. Quanto maior o perigo maior a abstinência.

¹¹⁶ Nesta passagem Lull se refere ao martírio (N. dos T.).

¹¹⁷ A abstinência é uma virtude que Deus há criado para que o homem potencie a suas outras virtudes: justiça, sabedoria, fortaleza, temperança e caridade. Ver, Ramon Lull, *Félix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 101, p. 337-338, e os *Proverbis de Ramon*, cap. 232 [Jordi Pardo].

XXVII. Da Humildade¹¹⁸

1. Se desejas que Deus seja humilde a ti sê humilde a todos os homens.
2. Lembra freqüentemente a Deus de onde vieste e para onde vais e serás humilde.¹¹⁹
3. Tem humildade e fugirás da guerra.
4. A humildade que existe pela força não é sã.
5. Sê humilde com teu maior, com teu igual e com teu menor.
6. A humildade de entendimento, de vontade e de palavra não é vencida.
7. Com a humildade humilharás o orgulhoso.
8. Quem humilha a sua fé humilha-se a Deus.
9. Humilha teu poder ao poder de Deus e a tua vontade a Dele.
10. Tenha humildade com caridade, paciência e piedade.
11. A humildade por amor é mais elevada que a humildade por pavor.
12. A humildade de hipocrisia e de falsidade é viciada.
13. Com a humildade faz tua linhagem gentil.
14. Contra um grande orgulho, uma grande humildade.
15. Não sejas humilde somente para ser honrado.
16. Todo homem que tem humildade é honrado.
17. Ninguém pode ser mais humilde que aquele que tem prazer quando amaldiçoa a injustiça.
18. Quem é humilde não ri quando o orgulhoso chora.
19. Pensa somente na morte para ter tua humildade com a paz.
20. Frutifica tua humildade com a humildade do rei.¹²⁰

XXVIII. Da Piedade¹²¹

1. A piedade vale tanto que não poderias comprá-la.
2. A piedade é o ramo da caridade, da necessidade e da humildade.¹²²
3. A piedade significa parentesco.
4. A piedade faz o parentesco suspirar e chorar.
5. A piedade excita o homem a dar e a perdoar.
6. Toda piedade é cortês.
7. A piedade desculpa e não acusa.
8. Com pouca piedade não podes vencer a grande crueldade.
9. A piedade persegue a paz e foge da guerra.
10. Quem tem a piedade não ri freqüentemente.
11. Se não tens piedade quem terá piedade de ti?
12. Não é grande coisa ter piedade de teu amigo.
13. Não tenhas esperança com a piedade que não dura.
14. Esforça tua piedade com o poder da verdade.
15. Domarás bravamente a justiça com a piedade.
16. A tua piedade não pode ser revestida de hipocrisia.¹²³
17. Quem tem a piedade tem muitos amigos.
18. O conselho nasce da piedade.
19. A piedade do homem rico existe com o trabalho.
20. A piedade pela necessidade é mais próxima da pobreza que da riqueza.

¹¹⁸ A humildade (*humilitas*) é uma das maiores virtudes, porque Cristo foi humilde morrendo por todos os homens. No *Proverbis de Ramon* (cap. 71), Ramon Llull dedica, também, um capítulo à humildade onde afirma que a humildade nasce no bem, e que o bem faz humildade (Jordi Pardo).

¹¹⁹ Esta passagem se refere à Gn.

¹²⁰

¹²¹ O homem humilde é piedoso. Ver *Proverbis de Ramon*, cap. 62 (Jordi Pardo)

¹²² “Com justiça e caridade mueves aDeus à piedade” (Ramon Llull, *Proverbis de Ramon*, cap. 62, 3) [Jordi Pardo].

¹²³ No original *goneyla* = peça inferior do vestido usado por homens e mulheres composta por uma bainha (N. dos T.).

XXIX. Da Devoção¹²⁴

1. Se desejas ter grande devoção lembra, entenda e ama freqüentemente as grandes nobrezas e perfeições que Deus possui por essência e por Suas obras.
2. Sem a santidade não podes ter devoção.
3. Podes ter maior devoção contemplando do que falando.
4. A contemplação é a fonte de onde nascem palavras de devoção.
5. A devoção faz os olhos chorarem e o coração se alegrar.
6. A devoção satisfaz, engorda a alma e debilita o corpo.
7. Com a devoção fala e participa com Deus.
8. Com a devoção saberás se estás na graça de Deus.
9. Com a devoção terás o amor de Deus.
10. A devoção te faz suspirar e o suspirar te faz amar.
11. Quem tem devoção possui todos os bens.
12. Tudo que tem trabalho¹²⁵ é levado a Deus pela devoção.
13. Com a devoção fujas da tentação e terás paz.
14. Tenhas devoção e terás Deus.
15. O maior inimigo que tem o pecado é a devoção.
16. O homem devoto freqüentemente chora e tardiamente ri.
17. A devoção é filha da caridade e da piedade.
18. Quem pede perdão com devoção não se fadiga.
19. Não podes ter melhor amigo que a devoção.
20. A amizade sem devoção não dura.
21. Tem devoção e não terás pavor.

XXX. Da Oração¹²⁶

1. A oração sem a devoção não é verdadeira.
2. A oração edifica-se na devoção.
3. Não faças a Deus oração contra a razão.
4. Se estás em pecado não faças a Deus oração sem contrição.
5. Cometes perjúrio a Deus com a louca oração.
6. Mais freqüentemente prega a Deus por tua honra que pelo teu bem.
7. A oração coletiva pode ser melhor que a individual.¹²⁷
8. A ira move Deus se falsamente pedes perdão.
9. Quem prega e se desculpa acusa a si mesmo.
10. A oração no pensamento se filia com a oração que sai da boca.
11. Com a pregação não esquecerás de Deus.
12. A oração sem amor não tem valor.
13. Prega com esperança e espera com oração.
14. Quem cedo se cansa de pregar, cedo se cansa de amar.
15. A paixão que tu tens quando comesas a orar é vizinha do pecado.
16. Na oração usa todas as forças de tua alma.
17. A oração é a consolação do homem pecador.
18. Todos os bens terrenos não valem uma boa oração.
19. Não vendas oração por dinheiro.
20. Todos os demônios não têm tão grande poder quanto uma boa oração.

¹²⁴ A devoção se entende em Ramon Llull como a vida contemplativa (Jordi Pardo).

¹²⁵ No original, ofício (N. dos T.).

¹²⁶ Ramon Llull no *Ars brevis* define: “Oração é forma com a que o orante fala a Deus santificadamente” (Ramon Llull, *Ars brevis*, OE, p. 581) [Jordi Pardo].

¹²⁷ Llull opõe *general* a *especial*, isto é, o público ao privado (N. dos T.).

XXXI. Da Paciência¹²⁸

1. As raízes da paciência são a prudência, a fortaleza, a humildade e a abstinência.
2. Quando nasce a abstinência começa a paciência.
3. A paz nasce da paciência.
4. O homem paciente não é vencido.
5. Com a paciência não se arrependes.
6. Quem tem a paciência tem a si mesmo.
7. Aconselha-te com a paciência.
8. A paciência humilha o orgulhoso.
9. Envia paciência a Deus e Ele será paciente contigo.
10. A paciência por amor é mais forte que por pavor.
11. Quando a impaciência chora a paciência ri.
12. O impaciente é repreendido com a paciência.
13. A paciência não mente.
14. A paciência não é dispendiosa.
15. A paciência convida.
16. A paciência não pede.
17. Com a paciência tenha pena para obter a vitória.
18. A paciência tem o que dar todas as horas.
19. A paciência no princípio chora e no fim ri.

XXXII. Da Consolação¹²⁹

1. Consola teu poder com o poder de Deus, e tua vontade com a Sua e teu entendimento com a Sua sabedoria.
2. Quem tem consolação em Deus não perde nada.
3. Suspirar e chorar com devoção são formas de consolação.
4. A consolação é filha da caridade, da devoção e da esperança.
5. A consolação não é pobre.
6. Ama mais ser consolado pela gratidão que pela força.
7. Consola-te do que perdes e não com o que permanece contigo.
8. Consola-te com contrição e com satisfação dos pecados que faz.
9. Quem não sabe consolar não sabe amar.
10. Quem é amado por Deus pode ser consolado com todas as coisas.
11. A consolação feita com oração proporciona grande alegria.
12. Quem tiver necessidade será consolado.
13. Não serás consolado de teu pecado até que se confesses.
14. Não há nada que console a quem perde Deus.
15. Consola-te do maior mal com maior bem.
16. Consola-te do maior mal com um mal menor.
17. Coloque a prudência próxima a teu pensamento e serás consolado.
18. Não sejas íntimo do homem que não ama a consolação.

XXXIII. Da Obediência¹³⁰

1. Porque a vontade deseja subitamente e o entendimento entende com deliberação, faz a tua vontade obediente a teu entendimento.
2. A obediência é a paixão da vontade e a gordura do entendimento.

¹²⁸ Para Ramon Llull: “Paciência e ira são contrários, porque a paciência é obra de forte coragem, cuja fortaleza esforça com caridade, justiça, humildade, esperança; e ira é frivolidade de coragem, movido por vaidade, orgulho, injúria, loucura, má vontade” (Ramon Llull, *Fèlix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 75, p. 247) [Jordi Pardo].

¹²⁹ A consolação do homem é a paixão do Cristo. Ver *Proverbis de Ramon*, cap. 46 (Jordi Pardo).

¹³⁰ Ramon Llull divide a obediência em duas partes: obediência sensual e obediência intelectual. A primeira é como o homem obedece às coisas corporais (cinco sentidos corporais), e a segunda é como o homem obedece às coisas espirituais (recordar, entender e amar a Deus) [Jordi Pardo].

3. Quem é obediente a seu senhor é justo, e quem é obediente a seu menor é humilde.
4. A obediência pelo pavor não é tão grande como pelo amor.
5. A obediência injusta faz doente a tua alma.
6. Quem obedece ao não sábio não é sábio.
7. A obediência compra a vontade.
8. Sê obediente à virtude e não ao pecado.
9. Sê obediente a Deus e serás livre.
10. Não obedeças a teu corpo sem o conselho da tua razão.
11. Não podes ter amigos sem a obediência.
12. A grande obediência porta grande mérito.
13. A obediência principia próxima à vontade.
14. Quando tens crença teu entendimento obedece à tua vontade.
15. Quando a obediência canta, a liberdade de vontade chora.
16. A obediência é a pobreza da vontade.
17. Quem obedece ao sábio é sábio.
18. Que tua vontade seja obediente à caridade.
19. Sê obediente à justiça para que o perdão te procure.
20. A obediência é dona ou serva.

XXXIV. Da Lealdade¹³¹

1. Sê leal de tal modo que o homem te seja leal.
2. Não sejas desleal pela deslealdade.
3. Sem a caridade não podes ser leal.
4. O homem leal se eleva com a humildade e o desleal com o orgulho.
5. A lealdade dá conselho com alegria e com força de coragem e a deslealdade com o seu contrário.
6. A lealdade ri com a verdade, a fortaleza e a esperança.
7. A lealdade caminha de dia e a falsidade de noite.
8. O homem leal fala de lealdade, e o homem desleal de deslealdade.
9. O homem desleal pouco se desculpa.
10. Mais se tem lealdade pelo amor que pelo pavor.
11. Ama mais a lealdade que os delitos, os honramentos e a riqueza.
12. Quem não é leal é desleal a si mesmo.
13. Antes confia pela lealdade que pelo parentesco.
14. Alimenta a lealdade em teu servidor e terás paz.
15. O homem desleal possui palavra falsa.
16. Com a tua lealdade conhecerás o homem leal e o desleal.
17. O homem desleal fala com pavor através da paixão do pensamento.
18. Chora pelo desleal quando ele ri.
19. Tua lealdade ao homem desleal deverá ser conhecida para que tenhas consciência.
20. Não sejas íntimo do homem desleal.
21. Os caminhos do homem leal são retos.
22. Sê leal e serás rico.

XXXV. Da Largueza¹³²

1. Sê mais generoso com os maiores bens do que com os menores.
2. A largueza é nobre pelos grandes dons.
3. A largueza não diminui o seu poder.
4. Não tenhas a largueza ociosa e serás rico.

¹³¹ A lealdade participa nas virtudes em concordância. Ver, *Libre de contemplació*, cap. 203; *Proverbis de Ramon*, cap. 93; *Lectura super Artem inuentinam et Tabulam generalem*, MOG V, 699 = Int. v, 341 (Jordi Pardo).

¹³² A mais grande largueza está em Deus: “Largueza é [...] em Deus: porque Deus Pai dá todo ao Filho e ao Santo Espírito, engendrando o Filho e espirando o Santo Espírito; e dando o Pai ao Filho e ao Santo Espírito, dá ser ao Filho e ao Santo Espírito [...]” (Ramon Llull, *Fèlix o Libre de meravelles*, OE, VIII, 70, p. 232) [Jordi Pardo].

5. Quem dá o que não ama não possui largueza.
6. A nenhum homem sê tão generoso quanto a teu amigo.
7. Quem dá o que tem de sobra possui avareza e hipocrisia.¹³³
8. Nenhuma coisa pode ser tão generosa quanto a ciência e a caridade.
9. Doa, porque doar multiplica.
10. Considera a proporção do que irás doar e para quem irás doar antes que doe.
11. Se não doas pelo amor de Deus, o que doas não tem importância para Ele.¹³⁴
12. Não does a quem não doa.
13. Não does tanto por pavor quanto por amor.
14. Se não podes doar, deseja doar.
15. Doa por caridade e por piedade e não para ser louvado.
16. Quem doa para ser louvado vende generosidade.
17. O poder da largueza existe para a discricão.
18. Sê generoso a Deus com todo o teu ser e com tudo o que tens.
19. Quem doa a Deus doa a si mesmo.
20. É melhor doar ao pobre que te procura pelo amor de Deus do que para aquele que te procura por tuas doações.

XXXVI. Da Perseverança¹³⁵

1. A boa perseverança é a imagem da boa eternidade.
2. Sem a perseverança não podes atingir a finalidade para a qual foste criado.
3. Quem persevera de dia e de noite consegue o que deseja.
4. Nada caminha mais cedo do que a perseverança.
5. Em tua vontade não podes desculpar-te da perseverança.
6. A perseverança é sustentada na finalidade.
7. Se desejas perseverar, freqüentemente considere o que desejas.
8. A perseverança requer que muitas virtudes lhe sejam amigas.
9. A perseverança antiga é mais forte que a nova.
10. Quem não persevera não caminha.
11. Nenhuma virtude tem mais inimigos que a perseverança.
12. A perseverança vence seus inimigos com a caridade, a prudência e a força de coragem.
13. A perseverança e a antiga linhagem têm algum parentesco.
14. Persevera teu amor no amor de Deus, e o teu poder no poder de Deus.
15. Persevera com contrição, confissão e satisfação.
16. Persevera com oração para que Deus te ajude.
17. Quem persevera vive alegre.
18. Persevera em teu bem e não terás pavor.
19. Com a perseverança fugirás do mal e irás em direção ao bem.
20. Quem vende a perseverança vende o que não pode cobrar.
21. Persevera com a justiça e a lealdade e não serás vencido.

XXXVII. Da Cortesia

1. A cortesia tem vergonha e nasce da nobre coragem.
2. Uma palavra cortês significa um amável pensamento.
3. A cortesia é bela de costumes.¹³⁶
4. Fala e come cortesmente e conquistarás amizade.
5. Se fazes descortesia se assemelharás a uma besta.

¹³³ Nesta passagem, Lull se refere ao trecho bíblico intitulado “A oferta da viúva pobre” (Mc 12, 41-44), onde Jesus afirma que quem dá o excesso não possui tanto valor quanto aquele que oferece o pouco que tem (N. dos T.).

¹³⁴ O mesmo que a nota anterior.

¹³⁵ A perseverança é um ato intrínseco de Deus: “Só Deus por Ele mesmo persevera” (Ramon Lull, *Proverbis de Ramon*, cap. 82, 6) [Jordi Pardo].

¹³⁶ No sentido de “bela através do hábito” (N. dos T.).

6. Bons costumes começam com a cortesia.
7. A cortesia compra a satisfação sem despesa.
8. Quem dá cortesia dobra a cortesia.
9. Quem serve cortesmente, cortesmente é servido.
10. Considerações gentis são caminhos cortes.
11. Pensamento descortês e palavras feias são irmãos.
12. Sê cortês e não serás repreendido.
13. Não creias ser cortês sem bondade.
14. A falsa cortesia é vilã.
15. A cortesia não repreende.
16. A cortesia é um exemplo cortês.
17. A cortesia e a lealdade são amigas.
18. Sem a humildade não podes ser cortês.
19. A cortesia tem amigos em muitos lugares.
20. Quem não ama o homem cortês é vilão.

XXXVIII. Da Honra¹³⁷

1. Não ames ter honra sem justiça.
2. Toda a honra que fizeres, faz a Deus.
3. A honra a Deus convém.
4. Deus não deseja de ti mais do que a honra.
5. O homem que desonra a Deus não faz honra.
6. Quem mais honra a Deus é o mais honrado.
7. Não honres aquele que desonra a si mesmo.
8. Se não és honrado não podes honrar.
9. Não faças honra sem conhecimento.
10. A desonra não deseja ser honrada.
11. Com teu pensamento lembra, entenda e ama honradamente.
12. A virtude honra e o pecado desonra.
13. A honra e a desonra são as maiores inimigas neste mundo.
14. Não podes honrar a ninguém tanto quanto a ti mesmo.
15. Honra tudo o que a Deus faz honra.
16. Procura a desonra com a falsa honra.
17. Faz-te honrar segundo tua honra.
18. Não existe nenhuma coisa mais perigosa que a falsa honra.
19. Nem pela linhagem, nem pela riqueza estás tão honrado quanto pelos bons costumes.
20. Quanto maior a honra maior a servidão.

XXXIX. Da Vida

1. A vida contemplativa ama e se enamora com a vida ativa.
2. A vida contemplativa possui o que ama e a ativa o que permite.
3. A vida ativa trabalha e a contemplativa repousa.
4. Tem uma vida ativa para que seja contemplativa.
5. A vida ativa existe para que seja contemplativa.
6. A vida contemplativa perdoa e a ativa pune.
7. A vontade não pode viver sem a virtude.
8. A vida do entendimento é o verdadeiro caminho que Deus entende.
9. Na fé vive-se o entendimento com a paixão e a vontade com ação.
10. Tua esperança te dá vida com aquilo que não tens.
11. Tua vontade vive muito melhor com a caridade que teu corpo com a comida.

¹³⁷ A honra se trata desde o contraste com a desonra. Por outro lado, se produz outro contraste com a honra que os homens deveriam fazer a Deus e que os homens querem para eles mesmos (Jordi Pardo).

12. Quem viver bem terá uma boa morte.
13. Vive com o que tens.
14. Para que tua alma viva dê vida a teu corpo.
15. Vive em Deus e viverás todos os tempos.
16. Não vivas do outro e viverás livre.
17. Quem vive em pecado morre em pecado.
18. Tua bondade natural morre quando fazes o mal.
19. O mal em vida não vale tanto quanto o bem na morte.
20. A alma que não se satisfaz não vive.
21. Morre para viver.

XL. Da Morte

1. A morte corporal não é nada comparada à espiritual.
2. A pior morte é a morte por pecado.
3. Quem deseja morrer por seu amor faz coisa contrária a Deus.
4. O maior inimigo que pode existir é a má morte.
5. Considera freqüentemente as condições de sua morte e serás humilde.
6. A boa morte é a porta da boa vida.
7. A desonra é a morte da honra.
8. Quem fala com falsas palavras mata seu pensamento.
9. O pecado é a morte da finalidade para a qual foste criado.
10. Quem morre em pecado morre, enquanto Deus vive.
11. Pelo pouco que vives não desejes morrer todo o tempo.
12. A morte ameaça tua consciência.
13. Não vendas a vida pela morte.
14. Com a morte compra a vida.
15. Tu morres todas as vezes que não amas a Deus.
16. Com a vida virtuosa tu compras a morte virtuosa.
17. Quem mata o homem que vive com Deus mata a si mesmo.
18. Mata o pavor com o amor e não o amor com o pavor.
19. Fala freqüentemente da morte ao bom pecador.

XLI. Da Avareza¹³⁸

1. Com a avareza tu estás contra a largueza, que é propriedade de Deus.
2. Não sejas avaro de virtudes, pois não podes ter tanto quanto podes desejar.
3. Quem não tem caridade é avaro.
4. Nenhum homem possui tanta necessidade quanto o avaro.
5. O homem avaro está mais distante da esperança que outro homem.
6. A avareza é a doença contínua da alma e do corpo.
7. Nenhum homem entende tão pouco da razão quanto o homem avaro.
8. Não existe lugar para a satisfação do homem avaro.
9. Todo homem avaro faz mais pelo pavor que pelo amor.
10. O homem avaro tardiamente ri.
11. Não peças conselho ao homem avaro.
12. Não peças nenhum bem ao homem avaro.
13. Que o homem avaro não saibas dos teus segredos.
14. Todo homem avaro é ladrão.
15. Para teu bem não creias no homem avaro.
16. O homem avaro não tem nada.
17. O desconhecimento está mais próximo do homem avaro que em outro homem.
18. A submissão do homem avaro é uma forte submissão.¹³⁹

¹³⁸ Ver nota 87.

19. Quem freqüentemente prega ao homem avaro, freqüentemente se arrepende.
20. O homem avaro inveja todos os seus vizinhos.

XLII. Da Gluttonia¹⁴⁰

1. A gluttonia é o pecado que consome a sanidade e gasta excessivamente.
2. A gluttonia e a temperança freqüentemente são inimigas.
3. Pela gluttonia tens prazer na boca e pena em todo o corpo.
4. Quando a gluttonia te fizeres comer, a abstinência te farás cessar.
5. Não sejas glutão e serás são.
6. Quando a gluttonia chora a temperança ri.
7. A gluttonia procura o roubo, a descortesia, a luxúria e a vergonha.
8. Ao homem glutão não ofereças galinhas.
9. O homem glutão não crê que está saciado e nem no jejum.
10. O homem glutão chora quando não come e quando come se arrepende.
11. Que o homem glutão não sejas teu vizinho.
12. A gluttonia deseja que vivas para que comas.
13. Não entregues tua filha à hora da gluttonia.
14. A gluttonia te faz mais amar a carne e o vinho que a Deus.
15. O médico não pode curar a doença do homem glutão.
16. A gluttonia gasta e não guarda.
17. Não há castigo para o homem glutão.¹⁴¹
18. O homem glutão se arrepende e não se castiga.
19. Distancia teu filho da gluttonia antes de qualquer outro vício.
20. Todo homem glutão vive pouco.

XLIII. Da Luxúria¹⁴²

1. A luxúria começa como pecado perdoável e termina como pecado mortal.
2. A luxúria contra a natureza não tem nenhuma desculpa.
3. Da luxúria da alma não podes se desculpar.
4. A luxúria começa na beleza e termina na feiúra.
5. A luxúria mata o corpo neste mundo e a alma no inferno.
6. Imagina as grandes e perduráveis penas infernais para que te abstenhas da luxúria.
7. Os caminhos da luxúria vêm através da visão e da audição, sua casa é a imaginação e seu leito é a vontade.
8. Distancia tua memória dos caminhos da luxúria.
9. O prazer da luxúria é um prazer pequeno e a culpa não pode ser grande.
10. Na luxúria estás contra a finalidade do matrimônio.
11. Na luxúria há tanta feiúra que tu não gostarias de dizer isso diante de bons homens.
12. A luxúria desagrada a Deus e a juventude não é desculpa.
13. O luxurioso está submetido à mulher.
14. Da tentação da luxúria ajuda-te com oração, prudência, fortaleza e penitência.¹⁴³
15. Quando a luxúria ri, a castidade chora com seus amigos.
16. Se a caridade e a justiça estivessem na luxúria, não poderias estar em castidade.
17. O luxurioso não é digno de mencionar o nome de Deus nem o de Santa Maria.

¹³⁹ *Sotsmès* = submissão, mas no sentido de súdito, isto é, a submissão do súdito à autoridade do rei ou de algum outro superior na hierarquia feudal (N. dos T.).

¹⁴⁰ “A fé é virtude, e a virtude e a verdade convêm; a gula é vício, e o vício e a falsidade convêm; e como a verdade e a falsidade são contrários, a fé e a gula são contrárias” (Raimundo Lúlio, *O livro do gentio e dos três sábios*, Petrópolis, Editora Vozes, 2001, p. 74) [Jordi Pardo]

¹⁴¹ O glutão sempre se arrepende após comer excessivamente, portanto, não é necessário castigá-lo (N. dos T.).

¹⁴² “A luxúria e a castidade são contrárias; e pela castidade, a esperança espera o galardão do mérito da castidade; e a justiça, pela luxúria, dá o temor da pena pela culpa” (Raimundo Lúlio, *O livro do gentio e dos três sábios*, Petrópolis, Editora Vozes, 2001, p. 75) [Jordi Pardo]

¹⁴³ *Afflicio* tem o sentido de penitência corporal (N. dos T.).

18. Que o luxurioso não seja teu vizinho.
19. A mulher do luxurioso não tem paz.
20. O luxurioso não tem vergonha e nem amigos, nem no céu e nem na terra.

XLIV. Do Orgulho¹⁴⁴

1. O orgulho não deseja que exista a paz.
2. O orgulhoso deseja estar por cima, no entanto está por baixo.
3. O homem é orgulhoso por mais que não tenha nada, porque então se orgulha de nada?
4. O homem orgulhoso em nenhum tempo tem paz.
5. O homem orgulhoso quando mente jura que disse a verdade.
6. O orgulhoso não jejua.
7. O homem orgulhoso não conhece a si mesmo nem o outro.
8. Nenhum homem tem tão pouco pavor de Deus quanto o homem orgulhoso.
9. Se pudesse, o homem orgulhoso desejaria ser Deus.
10. O homem orgulhoso não desculpa nem pede perdão.
11. O vizinho do homem orgulhoso está preso.
12. O homem orgulhoso não considera o que é nem o que tem.
13. Não espere ser honrado pelo homem orgulhoso.
14. Com o homem orgulhoso não podes estar alegre.
15. O orgulho que existe por hipocrisia é maior.
16. Se és humilde ao homem orgulhoso, terás com ele paz e ele contigo.
17. O homem orgulhoso será conhecido ao lado do homem humilde.
18. O orgulhoso tem os olhos no céu e o coração na terra.

XLV. Da Ociosidade¹⁴⁵

1. A ociosidade repudia a vontade que no amor de Deus tem negligência.
2. Por causa da ociosidade tens negligência em ter caridade.
3. Por causa da ociosidade tens desejado o mal ao teu próximo.
4. Por causa da ociosidade não conferes finalidade em nenhum bem.
5. Na ociosidade não tens nenhum bem.
6. Por causa da ociosidade tens repúdio em lembrar, entender e amar a Deus.
7. A alma do bem que é ociosa é diligente do mal.
8. Não faças companhia ao homem negligente.
9. Os ociosos freqüentemente desejam dormir.
10. Os homens ociosos fazem pouco e pedem grande remuneração.
11. Os homens ociosos não desejam trabalhar por terem bens.
12. Os ociosos não fazem grandes viagens.
13. Devido à ociosidade estás negligente para ganhar virtudes.
14. Combate a ociosidade com a justiça, a prudência, a fortaleza e a caridade e terás a diligência.
15. Repreende a ociosidade com a consciência, a contrição e a devoção.
16. A ociosidade e a tristeza são vizinhas.
17. A ociosidade freqüentemente chora e a caridade ri.
18. Come com diligência e jejua com a ociosidade.
19. Os homens pecam mais por causa da ociosidade do que por outro pecado.

¹⁴⁴ “Enquanto a humildade e a prudência estão em ato no homem, o orgulho e a imprudência podem existir nele mais do que na pedra. E se isto não fosse assim, não haveria contrariedade entre os contrários acima mencionados”(Raimundo Lúlio, *O livro do gentio e dos três sábios*, Petrópolis, Editora Vozes, 2001, p. 77). Do que se segue que entre “humildade” e “orgulho” existe contrariedade [Jordi Pardo].

¹⁴⁵ O homem ter como qualidade inata conhecer a Deus. Para Ramon Llull negar esta qualidade e não desejar conhecer a Deus é a *otiositas* (Jordi Pardo).

XLVI. Da Inveja¹⁴⁶

1. Através da inveja desejas o que não podes ter.
2. A inveja e a ociosidade são irmãs.
3. A inveja é o maior tormento contra a justiça, a graça e a caridade.
4. Quem tem inveja blasfema a Deus pelo que Ele lhe dá.
5. A inveja deseja ser rica sem bondade.
6. Pela inveja o homem rico e o homem pobre são inimigos.
7. A inveja não faz graças.
8. A inveja não reproduz e deseja tudo o que tem.
9. Não fales de tuas riquezas com o homem invejoso.
10. O homem invejoso vai com um pé ao orgulho e com o outro à falsidade.
11. Não confies no homem invejoso.
12. O invejoso blasfema o que difere.
13. O invejoso engana com lágrimas e risos.
14. O invejoso não tem esperança em Deus.
15. O invejoso não deseja a outra vida.
16. Todo o dia o invejoso inveja a ociosidade.
17. O invejoso dá conselho a quem não lhe pede.
18. Não comuniqués teus bens ao invejoso.
19. O invejoso não ama tanto o homem como diz amar.
20. O invejoso ama mais o que não tem do que o que tem.

LXVII. Da Ira¹⁴⁷

1. A ira é a multiplicação do desagrado e da vontade.
2. Quem está irado está mais por si mesmo que por Deus.
3. A ira afasta¹⁴⁸ a prudência do homem.
4. Pela ira a liberdade perde a sua vontade e o entendimento a sua deliberação.
5. O homem irado não tem paz.
6. Quem tem maior ira tem maior guerra.
7. Se repreendes o homem irado, serás irado.
8. Não repreendas o homem irado porque tu serás irado como ele.
9. Se estás irado, recorra à caridade, à prudência, à fortaleza, à humildade e à paciência.
10. Com o homem irado é melhor calar que falar.
11. Não provoques o homem irado e terás paz com ele.
12. Foge do homem irado e fugirás do mal.
13. Afasta de tua justiça o homem irado.
14. A ira com palavras iradas é muito mais irada.
15. Não pregues ao homem irado.
16. O riso não tem lugar na ira.
17. Enquanto estiveres irado estarás na ira de Deus.
18. Maior mal não podes fazer ao homem do que fazer com que ele fique irado.

XLVIII. Do Falar

1. Fala com gratidão do que entendes e do que não entendes fala pela força.
2. O que sabes não é tanto quanto o que não sabes, assim não fales muito.
3. Considera muito e fale pouco.
4. Pensa antes de falar.
5. Aprenda a calar e não falar com aquele que fala.
6. O homem louco se mostra através da palavra.

¹⁴⁶ “A fortaleza é virtude, e a inveja é vício. E como as virtudes e os vícios são contrários, por isso a fortaleza e a inveja são contrárias” (Raimundo Lúlio, *O livro do gentio e dos três sábios*, Petrópolis, Editora Vozes, 2001, p. 78) [Jordi Pardo]

¹⁴⁷ A ira é o contrário à temperança, qualidade nos homens sábios (Jordi Pardo).

¹⁴⁸ No original, “A ira lança a prudência do homem”. Traduzimos conforme o sentido (N. dos T.).

7. Pense na finalidade da palavra antes de dizê-la.
8. Se no princípio, meio e fim a palavra lhe dá o que convém, fala através da retórica.
9. A palavra é a imagem da semelhança do pensamento.
10. O pensamento move a palavra e a palavra move os pés e as mãos.
11. Com más palavras tu vais por maus caminhos.
12. Através das boas palavras tu serás bom.
13. Tem sempre boas palavras e terás sempre bons amigos.
14. Com prazer falarás boas palavras e com sofrimento más palavras.
15. Não fales muitas palavras de ti.
16. Tem pavor da má palavra.
17. Para belas palavras bons costumes.
18. Fala somente com teu igual e tardiamente com o teu superior.
19. Não desejes falar sem nenhuma utilidade.
20. A palavra requer uma proporção de si mesma, de tempo, de lugar, daquele que a pronuncia e daquele que a escuta.

XLIX. Da Riqueza¹⁴⁹

1. Ama a Deus e serás rico.
2. Quem tem sua riqueza ociosa não é rico.
3. Tua alma possui maior riqueza que teu corpo.
4. O rico avaro é mais pobre por sua alma que por seu corpo.
5. Se estás rico faz outro rico.
6. Um homem é a riqueza de outro homem.
7. A riqueza que cada um possui no outro é maior.
8. Quem é rico em vão é pobre inutilmente.
9. Toda a riqueza obtida sem a finalidade para a qual existe é doentia.
10. A riqueza de Deus é o bom homem.
11. Quem rouba de Deus o que não é seu não é rico.
12. Podes ser mais rico dando que retendo.
13. O dar é vizinho da riqueza e o reter da pobreza.
14. Dar é a riqueza da alma e reter a pobreza.
15. Quem se considera rico ri freqüentemente.
16. Bons costumes são grandes riquezas.
17. Quem possui muitos amigos possui grandes riquezas.
18. Quem é rico pelo mal é mais pobre que rico.
19. A grande riqueza possui um grande poder.
20. A riqueza que se obtém sem pobreza não é grande.

L. Da Pobreza¹⁵⁰

1. Se és mal deseja ser pobre.
2. A pobreza por hipocrisia é muito grande.
3. Quem é pobre de virtudes é muito pobre.
4. A pobreza que existe para uma boa finalidade é boa.
5. Quem tira o poder do bem é pobre de bondade.
6. A pobreza do coração não é boa sem a riqueza da alma.
7. O homem pobre freqüentemente é um anjo.
8. Toda pobreza existe com trabalho.
9. Quem vive como um homem rico não é pobre.
10. Quem é pobre neste mundo é rico no outro.

¹⁴⁹ Este apartado não fala da riqueza material, senão da riqueza espiritual que aporta amar Deus. Seguindo Ramon Llull a riqueza espiritual é o cumprimento das três virtudes da anima: memória, entendimento e vontade (Jordi Pardo).

¹⁵⁰ A pobreza é a riqueza material dos cinco sentidos corporais. Ver nota 104 (Jordi Pardo).

11. Não sejas pobre de amigos e serás rico.
12. Quem tem o que deseja não é pobre.
13. Quem tem o que não deseja é pobre.
14. A verdadeira pobreza e o falso pobre não têm parentesco.
15. Quem se faz de pobre não é rico.
16. Quem é pobre para Deus para Deus é rico.
17. A pobreza por justiça não é nada.
18. A pobreza chega mais cedo que a riqueza.
19. Quem muito dá não é pobre.
20. É muito pobre quem não tem a si mesmo.

LI. Da Diligência¹⁵¹

1. Considera freqüentemente a condição da morte e serás diligente.
2. Na grande necessidade há grande diligência.
3. Não tenhas tão grande diligência pelo pavor quanto pelo amor.
4. Tem uma diligência pelo amor e outra pelo entendimento.
5. Quem tem diligência com descrição tudo atinge e escuta.
6. Não podes ter grande diligência sem santidade.
7. Quem tem grande diligência freqüentemente suspira.
8. O homem diligente tarda em ser repreendido.
9. A diligência vem pela guerra e hospeda a paz.
10. A diligência não faz diferença entre o dia e a noite.
11. A diligência não se cansa.
12. A diligência tudo vence e tudo compra.
13. A diligência freqüentemente ganha.
14. A diligência é o caminho pelo qual o homem chega cedo àquilo que deseja.
15. A diligência tem poucas palavras e pouco alimentos.
16. A diligência tem claras vestimentas e dorme no escuro.
17. A diligência não fala com médico.
18. A diligência corre toda hora.
19. Pelos bens espirituais seja mais diligente do que pelos temporais.
20. A diligência é a riqueza da vitória e da honra.

LII. Da Intenção¹⁵²

1. Tem a primeira intenção a Deus e a segunda a todas as coisas.¹⁵³
2. Para o maior bem maior intenção.
3. Não comas para viver mas para fazer o bem.
4. Por causa de Deus ama o teu próximo.
5. Quem não ama a Deus enquanto é bom não tem intenção ao bem.
6. A intenção desordenada e com a intenção mudada é pecado.

¹⁵¹ O contrário da diligência é a acídia. O homem deve ser diligente sobre todo, em amar e entender a Deus (Jordi Pardo).

¹⁵² SALA-MOLINS (Raimund Lulle, *L'Arbre de Philosophie de l'amour, Le livre de l'Ami et de l'Aime, et Choix de textes philosophiques et mystiques*, Paris, 1967, p. 398) afirma que Llull utiliza a palavra “intenção” no sentido de “intention, et plus particulièrement finalité morale” [Jordi Pardo].

¹⁵³ A doutrina da *Primeira e Segunda Intenção*, já esboçada na primeira obra de Ramon Llull (*Compendium logicae Algazelis*), foi desenvolvida no *Libre de Contemplació em Deu*, onde se afirma que Deus ordenou no homem a *Primeira e a Segunda Intenção*: “Onde, Bendito sejas Vós, Senhor, que haveis desejado que a *primeira intenção do homem* consista em que este Vos ame, Vos honre, Vos sirva e conheça a Vossa bondade e Vossa nobreza. E desejais que a *segunda intenção do homem* seja querer possuir os bens que são consequência dos méritos da primeira intenção” (ORL, vol. I, 1906, cap. 45, 2, p. 227; os grifos são meus). Pa Llull o homem não pode chegar a *Segunda Intenção* sem ter em si a primeira; isto seria uma corrupção de sua finalidade enquanto criado. Em sua essência, esta teoria toca no princípio da finalidade do homem –um tema entre a Ética e a Metafísica– e trata do fundamento da verdade, do valor e da ordem moral. Cf. SOLER PLANAS, Juan. *Ética luliana y derecho de propiedad*. Palma de Maiorca: Estudio General Luliano, 1968, p. 70 (Ricardo da Costa).

7. A intenção tanto requer sabedoria quanto bondade.
8. A boa intenção desculpa e a ignorância repreende.
9. A intenção requer astúcia e perdão.
10. Vive pela intenção do que pela criação.
11. Não faças nada antes que Deus coloque em ti Sua intenção.
12. Quem é homem não pode ter uma intenção bestial.
13. Quem vale muito não tem intenção que não valha alguma coisa.
14. Tem boa intenção de toda pessoa que não conheces.
15. Se tens forte intenção tu saberás.
16. Tem conhecimento da intenção do homem e conhecerás o homem.
17. Toda a palavra não significa intenção de pensamento.
18. Quem engana com a intenção com a intenção é enganado.

O dito mestre Ramon Llull de Maiorca fez estes provérbios vindo de Ultramar¹⁵⁴, no ano de Nosso Senhor Deus Jesus Cristo de 1302. *Livro dos Mil Provérbios*.

¹⁵⁴ Oriente Próximo (N. dos T.).